

# UNIVERSIDADE ABERTA



## PESCA COMERCIAL NAS ÁGUAS INTERIORES NÃO MARÍTIMAS DO ESTUÁRIO DO RIO TEJO.

Contributos para o seu melhor conhecimento, melhoria  
da sustentabilidade socioeconómica e proteção do  
ambiente estuarino.

### LIVRO IV Memória Fotográfica

#### PARTE 1

Comunidades da Margem Norte (ou comunidades avieiras):  
concelhos de Vila Franca de Xira e Benavente.

**MARCO PAIS NEVES DOS SANTOS**

**Doutoramento em Sustentabilidade Social e Desenvolvimento**

Sintra, junho de 2022

*(página intencionalmente deixada em branco)*

# UNIVERSIDADE ABERTA



## PESCA COMERCIAL NAS ÁGUAS INTERIORES NÃO MARÍTIMAS DO ESTUÁRIO DO RIO TEJO.

Contributos para o seu melhor conhecimento, melhoria da sustentabilidade socioeconómica e proteção do ambiente estuarino.

### LIVRO IV Memória Fotográfica

#### PARTE 1

Comunidades da Margem Norte (ou comunidades avieiras):  
concelhos de Vila Franca de Xira e Benavente.

**MARCO PAIS NEVES DOS SANTOS**

**Doutoramento em Sustentabilidade Social e Desenvolvimento**

**Tese orientada pela**

**Professora Doutora Sónia Isabel Fernandes Borges Seixas**

**Área Fos: Ciências da Terra e Ciências do Ambiente**

**Lisboa, junho de 2022**

## Livro quarto de suporte à tese de doutoramento como “Memória Fotográfica”.

Parte 1 - Comunidades da Margem Norte (ou comunidades avieiras): concelhos de Vila Franca de Xira e Benavente;

Parte 2 - Comunidades da Margem Sul (ou comunidades do Mar da Palha): concelhos de Alcochete, Montijo, Moita, Barreiro e Seixal;

Parte 3 - Comunidades da Foz (ou comunidades de rio e de mar): concelho de Lisboa;

Parte 4 - Comunidades da Foz (ou comunidades de rio e de mar): concelhos de Almada e Oeiras.

## Direitos de autor e condições de utilização do trabalho por terceiros

Este trabalho pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e as boas práticas internacionalmente aceites no que concerne aos direitos de autor, com algumas limitações.

As fotografias e imagens, quer antigas, quer recentes, ilustrando infraestruturas, artes, espécies e embarcações, a convivência quotidiana e a operação dos marítimos e por eles autorizadas e/ou cedidas por familiares exclusivamente para utilização neste trabalho, não podem ser divulgadas, publicadas, utilizadas, modificadas ou exploradas, com fins comerciais ou não, sem a autorização escrita, em suporte duradouro, dos próprios nominalmente identificados nas legendas das fotografias e imagens, ou em nota de rodapé dos subcapítulos correspondentes, porque lhes pertencem os direitos de imagem e de publicidade, e, nalguns casos, também os direitos de autor. Da autorização deve constar, obrigatoriamente, a forma autorizada de divulgação, publicação e utilização, bem como as respetivas condições, nomeadamente tempo e lugar. No caso das fotografias ou imagens sem identificação, o pedido deve ser dirigido ao autor, que procederá à remessa aos titulares dos respetivos direitos.

A documentação relativa à administração marítima proveniente de arquivos pessoais, como documentos profissionais, matrículas de tripulação, frota (incluindo os motores), declarações, certificados, desembarques, e outros, não pode ser, sob qualquer circunstância, divulgada, publicada, utilizada, modificada ou explorada.

## Financiamento

A investigação foi apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia através de uma bolsa individual de doutoramento n.º SFRH/BD/115779/2016.

O financiamento da bolsa teve proveniência no orçamento nacional e no orçamento comunitário através do Fundo Social Europeu (FSE).

Domínio científico principal - Ciências Agrárias (CA); Área científica principal - Agricultura, Silvicultura e Pescas; Subárea científica - Pescas; Painel de avaliação - Agricultura, Silvicultura e Pescas e outras Ciências Agrárias.

A investigação decorreu no MARE - Centro de Ciências do Mar e do Ambiente, polo da Universidade de Coimbra, no quadro do grupo de investigação Estuários e Zonas Costeiras, enquanto instituição de acolhimento.

Duração: 4 anos.



# Memória Fotográfica

A contribuição que ora se apresenta pretende enfatizar as manifestações técnicas, artísticas, culturais e associativas da pesca profissional do estuário do rio Tejo, proporcionando a todos os envolvidos, por comunidades piscatórias, um instrumento de memória e preservação da sua identidade que lhes permita, a si ou aos seus familiares, um dia mais tarde “voltar no tempo” e recordar estes momentos.

Foram muitos os registos, alguns não vão voltar a acontecer, e o critério para a sua seleção foi a importância para os pescadores e para a atividade pesqueira. Uma vez que as fotografias são momentos congelados no tempo, geralmente alvo de diversas interpretações, optámos por as acompanhar com notas explicativas.

Este álbum fotográfico, até pela dimensão, podia ter sido apresentado por temas nucleares: frota, artes, pescadores, espécies, portos, estaleiros e lotas. No entanto, entendemos que a apresentação devia ser por concelhos, e dentro destes por comunidades, de montante para jusante, disposição que privilegia a consulta a quem se direciona o trabalho: os arrais e pescadores do rio Tejo, e os seus familiares. Ainda assim, em todas as comunidades procurámos apresentar primeiro as fotografias das embarcações, de seguida dos marítimos e das artes de pesca, e por fim das espécies.

Para mitigar a repetição de espécies e artes de pesca, que em grande medida são comuns às diversas comunidades piscatórias, apresentamos apenas as mais representativas em cada comunidade, assegurando que, no computo geral das pescas nas águas interiores não marítimas do estuário do rio Tejo, todas as espécies e artes de pesca, foram, pelo menos, assinaladas uma vez. De modo a aligeirar o texto, a primeira vez que mencionamos um mestre de pesca, indicamos o seu nome, idade, categoria profissional e embarcação que governa, e nas vezes seguintes apenas indicamos o seu nome, e no caso das espécies fizemos um glossário com a equivalência dos nomes vulgares aos nomes latinos, apresentado no início deste documento, para os não repetir.

Em Lisboa juntámos as fotografias da Doca de Alcântara (doca do Espanhol, ou Rocha de Conde de Óbidos) com a Doca do Poço do Bispo, porque são utilizadas em alternância pelas duas únicas embarcações de pesca profissional que têm nestas o único porto de abrigo. Em Vila Franca de Xira encontramos pouca colaboração por parte dos marítimos, e para darmos harmonia ao trabalho utilizámos algumas fotografias relativas à pesca local propriedade da autarquia, solicitadas e cedidas para esse efeito, e como a edilidade também cedeu fotografias das comunidades piscatórias de Alhandra e Póvoa de Santa Iria que não tinham cabimento na tese, optámos por inclui-las, como fizemos em relação a outras comunidades piscatórias onde nos foram cedidas fotografias que não tiveram cabimento na tese, nomeadamente no concelho de Alcochete.

Estas fotografias são uma extensão dos nossos olhos, e por isso também as utilizámos para documentar aspetos da pesca profissional do estuário do rio Tejo. Como diz o ditado, “uma imagem vale mais do que mil palavras”. A sua leitura integrada transmite de forma fiel a diversidade de paisagens, de processos e técnicas, de espécies, de artes e embarcações, e de pluralidade humana e social na pesca local no estuário do rio Tejo, colmatando a falta de dados que existia sobre esta atividade, e ao mesmo tempo evidenciando a sua importância.

Agradecemos a todos os que contribuíram para a concretização desta Memória Fotográfica, nomeadamente os marítimos, e suas famílias, autarquias e amantes da fotografia.

*(página intencionalmente deixada em branco)*

# Roteiro

## **Roteiro**

Mapa de Localização das comunidades piscatórias .....	9
Glossário com a equivalência dos nomes vulgares aos nomes latinos das espécies relevantes à pesca comercial no estuário do rio Tejo .....	11
<b>PARTE I - COMUNIDADES DA MARGEM NORTE .....</b>	<b>19</b>
Vila Franca de Xira (Vila Franca de Xira) .....	21
Alhandra (Vila Franca de Xira) .....	59
Póvoa de Santa Iria (Vila Franca de Xira).....	119
Porto Alto (Benavente).....	169

# Mapa de Localização

---

### Mapa de Localização das comunidades piscatórias (31.12.2018).



Concelho	Comunidades piscatórias	Latitude (X)	Longitude (Y)	Concelho	Comunidades piscatórias	Latitude (X)	Longitude (Y)
Vila Franca de Xira	Vila Franca de Xira	-8.982620	38.956739	Seixal	Baía do Seixal	-9.104528	38.645083
Vila Franca de Xira	Alhandra	-9.005180	38.930383	Seixal	Amora	-9.113520	38.631378
Vila Franca de Xira	Póvoa de Santa Iria	-9.059522	38.858296	Lisboa	Doca de Alcântara (ou Doca do Espanhol) *	-9.165249	38.702789
Benavente	Porto Alto	-8.891808	38.923420	Lisboa	Doca de Pedrouços	-9.226749	38.694782
Alcochete	Sítio das Hortas	-8.937383	38.760903	Almada	Caramujo (Fundeadouro Municipal da Mutela)	-9.147991	38.673933
Alcochete	Cais/Ponte de Alcochete	-8.966226	38.756884	Almada	Cacilhas	-9.148875	38.688058
Alcochete	Samouco	-9.009056	38.729139	Almada	Olho de Boi (no cais da ex-Companhia Portuguesa de Pesca)	-9.163519	38.683688
Montijo	Montijo	-8.98148443	38.70237623	Almada	Tagol (junto à Sovena Oilseeds Portugal, onde antes funcionava a fábrica da Palença)	-9.178682	38.679273
Moita	Gaio	-9.007311	38.669836	Almada	Banática (junto ao terminal de líquidos da Shell)	-9.197913	38.677896
Moita	Barra a Barra	-9.043388	38.668398	Almada	Porto Brandão	-9.206955	38.678006
Barreiro	Bico do Mexilhoeiro	-9.091901	38.658279	Almada	Trafaria	-9.234737	38.673320
Barreiro	Serração	-9.083898	38.657553	Almada	Cova do Vapor	-9.255078	38.665301
Barreiro	Doca Seca da CP - Comboios de Portugal "ferroviários"	-9.079144	38.656180	Almada	Costa da Caparica	-9.234196	38.638285
Barreiro	Praia da Torralta	-9.074601	38.652266	Almada	Fonte da Telha	-9.1957214	38.5730315
Barreiro	Palhais	-9.060030	38.633652	Oeiras	Paço de Arcos	-9.292579	38.692435

\* Incluí a Doca do Poço do Bispo, ainda que não representada, por ser complementar: Lat.: -9.098958 | Long.: 38.741837.

# Glossário das espécies

## Glossário com a equivalência dos nomes vulgares aos nomes latinos das espécies relevantes à pesca comercial no estuário do rio Tejo.

Algumas espécies são residentes, capturam-se ao longo de todo o ano, mas com grandes variabilidade em função da época, do estado do tempo e do mar, especialmente na foz do rio Tejo, outras são ocasionais, capturam-se esporadicamente, outras utilizam o estuário como *nursery*, outras ainda, as migradoras anádromas e catádromas, são capturadas em larga escala nos períodos de reprodução, e, ocasionalmente, ao longo de todo o ano, e, outras ainda, as dulçaquícolas, são capturadas quando descem à parte norte do estuário em períodos de intensa pluviosidade, condicionadas pelas correntes de vazante, ou em perseguição de alimento. Algumas espécies capturam-se em maior quantidade, mas são menos valorizadas, outras capturam-se em menores quantidades, mas são mais valorizadas, em qualquer dos casos com níveis de abundância diferentes, outras são capturadas num curto período de tempo, mas permitem maior rentabilidade do que as que são capturadas o ano inteiro, outras ainda, aparecem apenas meia dúzia de exemplares a cada ano, mas são altamente valorizadas, enfim, as situações são diversas, e para distinguir-mos a abundância e a relevância comercial, o que se entende como a disponibilidade de captura e a relevância económica, respetivamente, criámos uma matriz com a colaboração dos marítimos que governam as embarcações, atribuindo a cada espécie, quanto à abundância e à relevância comercial, em termos normais, um de três níveis: baixa, média e alta.

Assinalam-se ainda as espécies que, pouco ou muito, condicionam a atividade piscatória (\*), as que são rejeitadas por não terem valor comercial (\*\*), as que são utilizadas como isco (\*\*\*), as que são utilizadas para consumo pelos marítimos, ou porque não têm valor comercial, ou, caso o tenham, porque são capturados poucos exemplares, não mais do que um exemplar por maré, e, mesmo assim, raramente (\*\*\*\*), e, por fim, as que são utilizadas para petisco, pelos marítimos e seus familiares, e para venda nas comunidades locais (\*\*\*\*\*). Os últimos dois casos são muito relevantes, pois permitem justificar o motivo de eventualmente não existirem desembarques dessas espécies em lota.

Os nomes vulgares das espécies existentes no estuário do rio Tejo, a maior parte das quais foram fotografadas, são apresentados por categorias, seguindo a escala zoológica (do menos evoluído para o mais evoluído), e, dentro destas, por ordem alfabética. Seguiram-se os nomes vulgares utilizados por Martins & Carneiro (2018)<sup>1</sup>, complementados pelos nomes vulgares utilizados pelos marítimos, quando diferentes (alerta-se que alguns nomes podem ser considerados ofensivos).

NOME COMUM	NOME CIENTÍFICO	ABUNDÂNCIA	RELEVÂNCIA COMERCIAL
<b>CNIDÁRIOS</b>			
Anémona *	<i>Actinotheroe sphyrodeta</i>	Alta	---
Caravela-portuguesa *	<i>Physalia physalis</i>	Média	---
Medusa-do-tejo (ou água viva, ou alforreca) *	<i>Catostylus tagi</i>	Alta	---

<sup>1</sup> MARTINS, Rogélia; CARNEIRO, Miguel. **Manual de Identificação de Peixes Ósseos da Costa Continental Portuguesa - Principais Características Diagnosticantes**. Algés: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I.P., 2018. 204 p. ISBN eletrónico: 978-972-9083-20-4. Disponível em: <[https://www.ipma.pt/export/sites/ipma/bin/docs/publicacoes/pescas.mar/MI\\_peixes.osseos\\_costa.cont.portuguesa.pdf](https://www.ipma.pt/export/sites/ipma/bin/docs/publicacoes/pescas.mar/MI_peixes.osseos_costa.cont.portuguesa.pdf)>. Acedido em 10Abr2020.

NOME COMUM	NOME CIENTÍFICO	ABUNDÂNCIA	RELEVÂNCIA COMERCIAL
<b>MOLUSCOS GASTRÓPODES</b>			
Burriés (ou caramujos, ou caracóis do mar) *****	<i>Monodonta lineata</i>	Alta	Alta
Lapa-vulgar (ou lapa-europeia) *****	<i>Patella vulgata</i>	Alta	Alta
Lapa *****	<i>Siphonaria pectinata</i>	Alta	Alta
Vinagreira-negra (ou lebre marinha, ou mija-vinagre, ou caga vinagre, ou tintureira, ou cona de velha) *	<i>Aplysia fasciata</i>	Média	---
<b>MOLUSCOS POLIPLACÓFOROS</b>			
Quiton (ou quítone) **	<i>Chaetopleura angulata</i>	Alta	Baixa
<b>MOLUSCOS CEFALÓPODES</b>			
Choco-anão	<i>Sepiola rondeleti</i>	Baixa	Baixa
Choco-comum (ou choco-vulgar)	<i>Sepia officinalis</i>	Alta	Alta
Lula-bicuda-comprida	<i>Alloteuthis subulata</i>	Média	Alta
Lula-comum (ou lula-vulgar)	<i>Loligo vulgaris</i>	Média	Alta
Polvo-comum (ou polvo-vulgar)	<i>Octopus vulgaris</i>	Alta	Alta
<b>MOLUSCOS BIVALVES</b>			
Amêijoia (ou caralhampana) ***	<i>Mya arenaria</i>	Baixa	Baixa
Amêijoia-boia *****	<i>Ruditapes decussatus</i>	Baixa	Alta
Amêijoia-japonesa (ou amêijoia-japónica) *** / *****	<i>Ruditapes philippinarum</i>	Alta	Média
Amêijoia-macha *****	<i>Venerupis corrugata</i>	Baixa	Alta
Berbigão-vulgar *****	<i>Cerastoderma edule</i>	Baixa	Alta
Conquilha (ou cadelinha) *****	<i>Donax trunculus</i>	Baixa	Alta
Lambujinha (ou lambejinha, ou lamejinha) *****	<i>Scrobicularia plana</i>	Baixa	Alta
Lingueirão (ou langueirão, ou navalha, ou canivete) *****	<i>Solen marginatus</i>	Baixa	Alta
Mexilhão-do-mediterrâneo *****	<i>Mytillus galloprovincialis</i>	Alta	Baixa
Mexilhão-vulgar *****	<i>Mytilus edulis</i>	Alta	Baixa
Mexilhão *****	<i>Mytillus sp.</i>	---	---
Ostra-portuguesa *****	<i>Mangalana angulata</i>	Baixa	Baixa
Pé-de-burro *****	<i>Venus verrucosa</i>	Baixa	Alta

NOME COMUM	NOME CIENTÍFICO	ABUNDÂNCIA	RELEVÂNCIA COMERCIAL
<b>ARTRÓPODES - CRUSTÁCEOS DECAPODES</b>			
Aranha-do-mar	<i>Macropodia rostrata</i>	Baixa	---
Aranhão-do-mar	<i>Inachus phalangium</i>	Baixa	---
Bruxa (ou bruxinha, ou grilos, ou cigarra do mar, ou cavacos)	<i>Scyllarus arctus</i>	Baixa	Alta
Camarão-branco ****	<i>Palaemon longirostris</i>	Baixa	Média
Camarão-branco-legítimo (ou camarão-de-espinho, ou camarão-da-costa, ou camarão-do-rio) ****	<i>Palaemon serratus</i>	Média	Alta
Camarão-japonês ****	<i>Penaeus japonicus</i>	Baixa	Alta
Camarão-mouro (ou camarão-negro, ou camarão-do-rio) ****	<i>Crangon crangon</i>	Alta	Baixa
Camarinha ***	<i>Palaemonetes varians</i>	Alta	---
Caranguejo-pilado (ou pilado) *	<i>Polybius henslowii</i>	Baixa	Baixa
Camarão-tigre-gigante ****	<i>Penaeus Monodon</i>	Baixa	Alta
Caranguejo *	<i>Liocarcinus holsatus</i>	Baixa	---
Caranguejo *	<i>Pilumnus hirtellus</i>	Baixa	---
Caranguejo-chinês (ou caranguejo-peludo-chinês) * / ***	<i>Eriocheir sinensis</i>	Alta	Baixa
Caranguejo-verde (ou caranguejo-morraceiro, ou caranguejo-mouro) ***	<i>Carcinus maenas</i>	Alta	Baixa
Gamba-manchada ****	<i>Penaeus kerathurus</i>	Baixa	Alta
Lavagante-europeu ****	<i>Homarus gammarus</i>	Baixa	Alta
Navalheira ****	<i>Necora puber</i>	Média	Alta
Santola (ou boneca, quando pequena) ****	<i>Maia squinado</i>	Média	Alta
Sapateira ****	<i>Cancer pagurus</i>	Baixa	Alta
<b>ARTRÓPODES - CRUSTÁCEOS CIRRÍPEDES</b>			
Balano (ou burrié) ****	<i>Perforatus perforatus (ou Balanus perforatus)</i>	Baixa	Alta
Perceve ****	<i>Pollicipes pollicipes</i>	Baixa	Alta
<b>ARTRÓPODES - CRUSTÁCEOS CYMOTHOIDAE (parasita)</b>			
Piolho-do-mar (ou carraça do mar) **	<i>Anilocra physodes</i>	Média	---
<b>ANELÍDEOS (poliquetas, vulgarmente conhecidas por minhocas, utilizadas como isco na pesca ao anzol)</b>			
Casulo ***	<i>Diopatra neopolitana</i>	Alta	Média
Ganso (ou minhocão) ***	<i>Marphysa sanguinea</i>	Média	Média
Isca-do-lodo (ou minhoca-de-pesca) ***	<i>Hediste diversicolor</i>	Média	Média

NOME COMUM	NOME CIENTÍFICO	ABUNDÂNCIA	RELEVÂNCIA COMERCIAL
<b>EQUINODERMES</b>			
Estrela-do-mar-pente **	<i>Astropecten aranciacus</i>	Alta	---
<b>CORDADOS - PEIXES CARTILAGÍNEOS</b>			
Cação (ou galhudo, quando pequeno)	<i>Mustela canis</i>	Média	Média
Cação-liso (ou caneja, ou galhudo até 4 Kg)	<i>Mustelus mustelus</i>	Média	Média
Pata-roxa-denisa	<i>Scyliorhinus canicula</i>	Baixa	Baixa
Raia-bicuda	<i>Dipturus oxyrinchus</i>	Baixa	Baixa
Raia-curva (ou raia amarela)	<i>Raja undulata</i>	Média	Média
Raia-lenga (ou raia pregada)	<i>Raja clavata</i>	Média	Média
Raia zimbreira (ou raia amarela) ****	<i>Raja microocellata</i>	Baixa	Média
Ratão-bispo	<i>Aetomylaeus bovinus</i>	Média	Baixa
Tremelga-de-olhos (ou tremelga)	<i>Torpedo torpedo</i>	Baixa	Baixa
Tremelga-marmoreada (ou tremelga)	<i>Torpedo marmorata</i>	Baixa	Baixa
Tubarão-martelo	<i>Sphyrna sp.</i>	Baixa	Baixa
Tubarão-frade	<i>Cetorhinus maximus</i>	Baixa	Baixa
<b>CORDADOS - PEIXES ÓSSEOS</b> (Peixes residentes e ocasionais, e outros capturados em períodos específicos)			
Azevia (ou serrano, na zona de Almada, ou malacucos, na zona de Lisboa e Oeiras)	<i>Microchirus azevia</i>	Média	Alta
Abrótea-da-costa	<i>Phycis phycis</i>	Baixa	Baixa
Abrótea-do-alto	<i>Phycis blennoides</i>	Baixa	Baixa
Anchova	<i>Pomatomus saltatrix</i>	Baixa	Média
Badejo	<i>Merlangius merlangus</i>	Baixa	Baixa
Besugo	<i>Pagellus acarne</i>	Baixa	Alta
Bica	<i>Pagellus erythrinus</i>	Baixa	Baixa
Biqueirão ***	<i>Engraulis encrasicolus</i>	Alta	Baixa
Bodião-canário	<i>Labrus mixtus</i>	Baixa	Baixa
Bodião-do-alto	<i>Acantholabrus palloni</i>	Baixa	Baixa
Bodião-reticulado (ou burro)	<i>Labrus bergylta</i>	Baixa	Baixa
Bodião-verde	<i>Thalassoma pavo</i>	Baixa	Baixa
Boga-do-mar (ou boga)	<i>Boops boops</i>	Média	Baixa
Caboz-negro **	<i>Gobius niger</i>	Média	Baixa
Caboz-da-rocha **	<i>Gobius paganellus</i>	Média	Baixa

NOME COMUM	NOME CIENTÍFICO	ABUNDÂNCIA	RELEVÂNCIA COMERCIAL
<b>CORDADOS - PEIXES ÓSSEOS</b> (Peixes residentes e ocasionais, e outros capturados em períodos específicos) (continuação)			
Caboz-comum **	<i>Pomatoschistus microps</i>	Média	Baixa
Caboz-da-areia **	<i>Pomatoschistus minutus</i>	Média	Baixa
Cabra-cabaço (ou cabaço)	<i>Chelidonichthys lucerna</i>	Baixa	Alta
Cabra-de-bandeira	<i>Chelidonichthys obscurus</i>	Média	Baixa
Cabra-vermelha	<i>Chelidonichthys cuculus</i>	Baixa	Baixa
Cangulo-cinzentos (ou peixe-porco, ou pampo)	<i>Balistes caprisus</i>	Média	Média
Carapau (ou chicharro, quando é grande)	<i>Trachurus trachurus</i>	Média	Baixa
Cavala ***	<i>Scomber colias</i>	Media	Baixa
Cavalo-marinho (ou cavalo-marinho-de-focinho-comprido) **	<i>Hippocampus guttulatus</i>	Baixa	Baixa
Cavalo-marinho (ou cavalo-marinho-de-focinho-curto) **	<i>Hippocampus hippocampus</i>	Baixa	Baixa
Charroco (ou xarroco, ou encharroco) **	<i>Halobatrachus didactylus</i>	Alta	Baixa
Charro-amarelo (ou carapau-amarelo, ou carapau manteiga)	<i>Caranx rhonchus</i>	Média	Alta
Choupa	<i>Spondylisoma cantharus</i>	Alta	Média
Congro (ou samirro ou vela, até 50 cm, ou safio, até 1,5 Kg)	<i>Conger conger</i>	Alta	Alta
Corvina-legítima (ou rabetas, ou burregatas, até 3 Kg)	<i>Argyrosomus regius</i>	Alta	Alta
Corvinata-real (ou peixe-rainha)	<i>Cynoscion regalis</i>	Alta	Baixa
Dourada	<i>Sparus aurata</i>	Média	Alta
Faneca	<i>Trisopterus luscus</i>	Baixa	Baixa
Ferreira	<i>Lithognathus mormyrus</i>	Baixa	Baixa
Judia (ou peixe pissa) ****	<i>Coris julis</i>	Baixa	Baixa
Juliana	<i>Pollachius pollachius</i>	Baixa	Baixa
Laibeque-de-três-barbilhos (ou pico, ou governo da casa, ou peixe caralho, ou peixe pissa, ou caralhetas) ****	<i>Gaidropsarus vulgaris</i>	Baixa	Baixa
Linguado	<i>Solea sp.</i>	---	---
Linguado-branco (ou linguado do senegal, ou folha de louro, quando até 10 cm de comprimento)	<i>Solea senegalensis</i>	Média	Alta
Linguado-da-areia (ou macaca)	<i>Pegusa lascaris</i>	Alta	Alta
Linguado-legítimo (ou linguado, ou linguado ferrugento, ou linguado de borracha, quando tem mais de 1 Kg)	<i>Solea solea</i>	Média	Alta
Língua (ou azevia)	<i>Dicologlossa cuneata</i>	Baixa	Média
Marinha-comum (ou lincornia) **	<i>Syngnathus acus</i>	Média	Baixa

NOME COMUM	NOME CIENTÍFICO	ABUNDÂNCIA	RELEVÂNCIA COMERCIAL
<b>CORDADOS - PEIXES ÓSSEOS</b> (Peixes residentes e ocasionais, e outros capturados em períodos específicos) (continuação)			
Moreia (ou moreia pintada, ou moreia amarela)	<i>Muraena helena</i>	Baixa	Baixa
Pargo-legítimo	<i>Pagrus pagrus</i>	Baixa	Alta
Peixe-agulha ***	<i>Belone belone</i>	Alta	Baixa
Peixe-aranha-maior	<i>Trachinus draco</i>	Média	Baixa
Peixe-espada-branco ****	<i>Lepidopus caudatus</i>	Baixa	Baixa
Peixe-pau (ou papa tabacos) **	<i>Callyonymus lyra</i>	Alta	Baixa
Peixe-rei-do-Mediterrâneo (ou peixe-rei)	<i>Atherina boyeri</i>	Baixa	Baixa
Pescada-branca (ou pescadinha, ou pescadinha de rabo na boca, ou carioca, quando pequena; ou marmota, quando média, a rondar os 20 cm)	<i>Merluccius merluccius</i>	Baixa	Baixa
Pregado (ou pregadote, abaixo de 1 Kg)	<i>Scophthalmus maximus</i>	Baixa	Alta
Rascasso-de-pintas (ou rascasso da pedra) ****	<i>Scorpaena porcus</i>	Baixa	Alto
Robalo-baila (ou vária)	<i>Dicentrarchus punctatus</i>	Alta	Alta
Robalo-legítimo (ou cachote)	<i>Dicentrarchus labrax</i>	Alta	Alta
Rodvalho (ou clero, quando grande)	<i>Scophthalmus rhombus</i>	Baixa	Alta
Ruivo	<i>Lepidotrigla cavillone</i>	Média	Média
Salema **	<i>Sarpa salpa</i>	Alta	Baixa
Salmonete-da-vasa	<i>Mullus barbatus</i>	Baixa	Alta
Salmonete-legítimo	<i>Mullus surmuletus</i>	Média	Alta
Sarda ***	<i>Scomber scombrus</i>	Alta	Baixa
Sardinha (ou petinga, quando pequena) ***	<i>Sardina pilchardus</i>	Alta	Baixa
Sargo-alcorraz (ou alcorraz)	<i>Diplodus annularis</i>	Alta	Baixa
Sargo-bicudo	<i>Diplodus puntazzo</i>	Alta	Alta
Sargo-do-Senegal (ou mucharra)	<i>Diplodus bellottii</i>	Alta	Baixa
Sargo-legítimo-do-Mediterrâneo	<i>Diplodus sargus</i>	Alta	Alta
Sargo-safia	<i>Diplodus vulgaris</i>	Alta	Média
Sargo-veado	<i>Diplodus cervinus</i>	Baixa	Alta
Sargos	<i>Diplodus sp.</i>	---	---
Sarrajão (ou bonito)	<i>Sarda sarda</i>	Baixa	Baixa
Solha-legítima (ou solha)	<i>Pleuronectes platessa</i>	Baixa	Baixa
Serrano-alecrim (ou garoupa, ou garoupa da pedra, ouagalhão chumbado) ***	<i>Serranus cabrilla</i>	Média	Baixa
Tainha-garrento (ou garrento, ou muge) ***	<i>Chelon auratus</i>	Alta	Baixa
Tainha-liça (ou muja, ou liça, ou tainha negrão, ou corvéu) ***	<i>Chelon labrosus</i>	Alta	Baixa

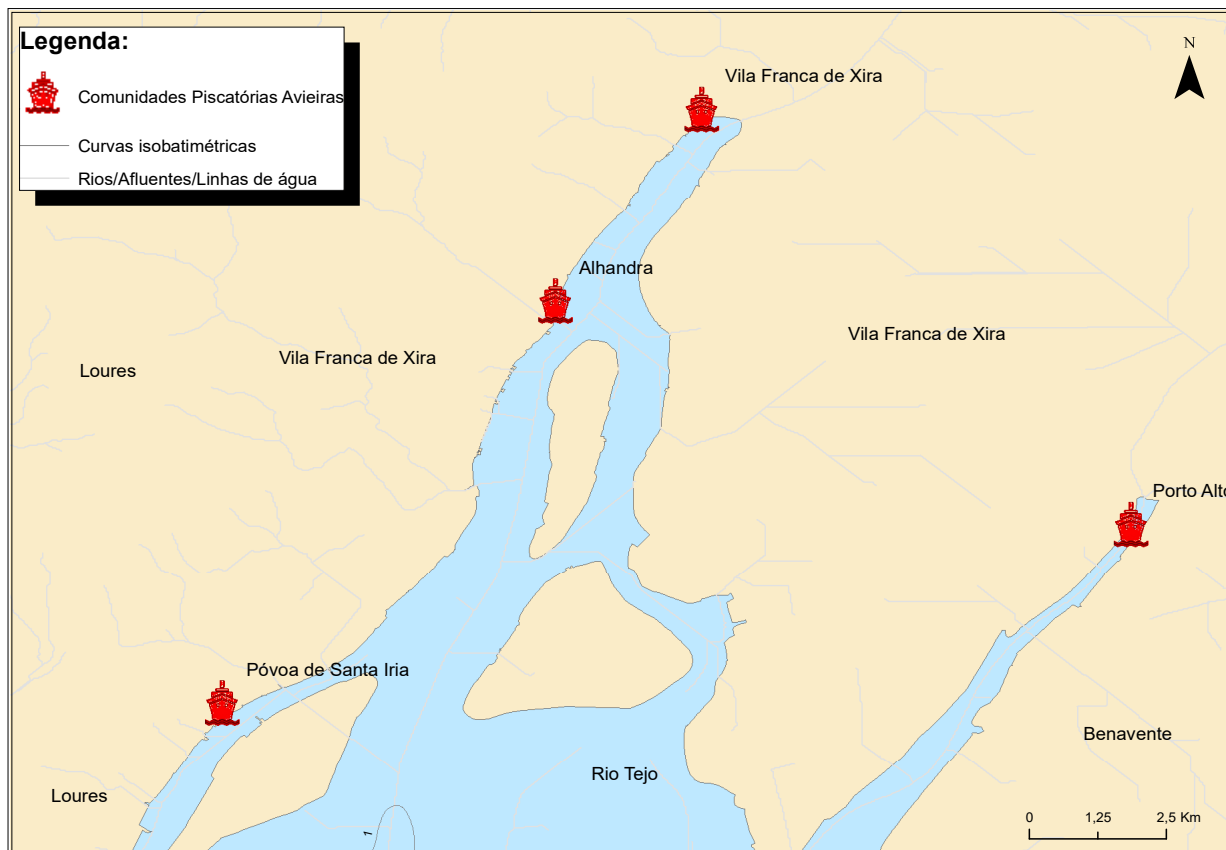
NOME COMUM	NOME CIENTÍFICO	ABUNDÂNCIA	RELEVÂNCIA COMERCIAL
<b>PEIXES MIGRADORES ANÁDROMOS</b> (reproduzem-se em água doce, mas desenvolvem-se até à forma adulta no mar)			
Lampreia-do-mar *****	<i>Petromyzon marinus</i>	Média	Alta
Lampreia-do-rio **	<i>Lampetra fluviatilis</i>	Baixa	Baixa
Sável ****	<i>Alosa alosa</i>	Baixa	Baixa
Savelha (ou saboga) ****	<i>Alosa fallax</i>	Baixa	Baixa
<b>PEIXES MIGRADORES CATÁDROMOS</b> (reproduzem-se em água salgada, mas desenvolvem-se até à forma adulta em água doce)			
Enguia-europeia (ou eiró, ou meixão, ou angula, na fase larvar)	<i>Anguilla anguilla</i>	Média	Alta
Solha-das-pedras (ou patruça) ****	<i>Platichthys flesus</i>	Baixa	Média
Tainha-fataça ***	<i>Chelon ramada</i>	Alta	Baixa
Tainha-olhalvo (ou mogueira) ***	<i>Mugil cephalus</i>	Alta	Baixa
<b>PEIXES DULÇAQUÍCOLAS</b> (descem à parte norte do estuário em períodos de intensa pluviosidade, condicionados pelas correntes de vazante e/ou em perseguição de alimento)			
Barbo-comum **	<i>Barbus bocagei</i>	Alta	Baixa
Carpa (ou sarmão) **	<i>Cyprinus carpio</i>	Média	Baixa
Lucioperca ****	<i>Sander lucioperca</i>	Baixa	Média
Lúcio	<i>Esox lucius</i>	Média	Média
Siluro (ou peixe-gato-europeu) **	<i>Silurus glanis</i>	Alta	Baixa
<b>RÉPTEIS MARINHOS</b>			
Tartaruga-de-couro **	<i>Dermochelys coriacea</i>	Baixa	---
Tartaruga-marinha-comum (ou tartaruga comum, ou tartaruga boba) **	<i>Caretta caretta</i>	Baixa	---
<b>MAMÍFEROS - CETÁCEOS</b>			
Baleia-comum	<i>Balaenoptera physalus</i>	Baixa	---
Golfinho-comum (ou boto)	<i>Delphinus delphis</i>	Média	---
Golfinho-roaz (ou boto, ou roaz-corvineiro)	<i>Tursiops truncatus</i>	Média	---

## Comunidades da Margem Norte (ou comunidades Avieiras)

Vila Franca de Xira, Alhandra e Póvoa de Santa Iria no concelho de Vila Franca de Xira, e Porto Alto no concelho de Benavente.

**Concelhos de Vila Franca de Xira e Benavente**

## Mapa de localização das Comunidades da Margem Norte

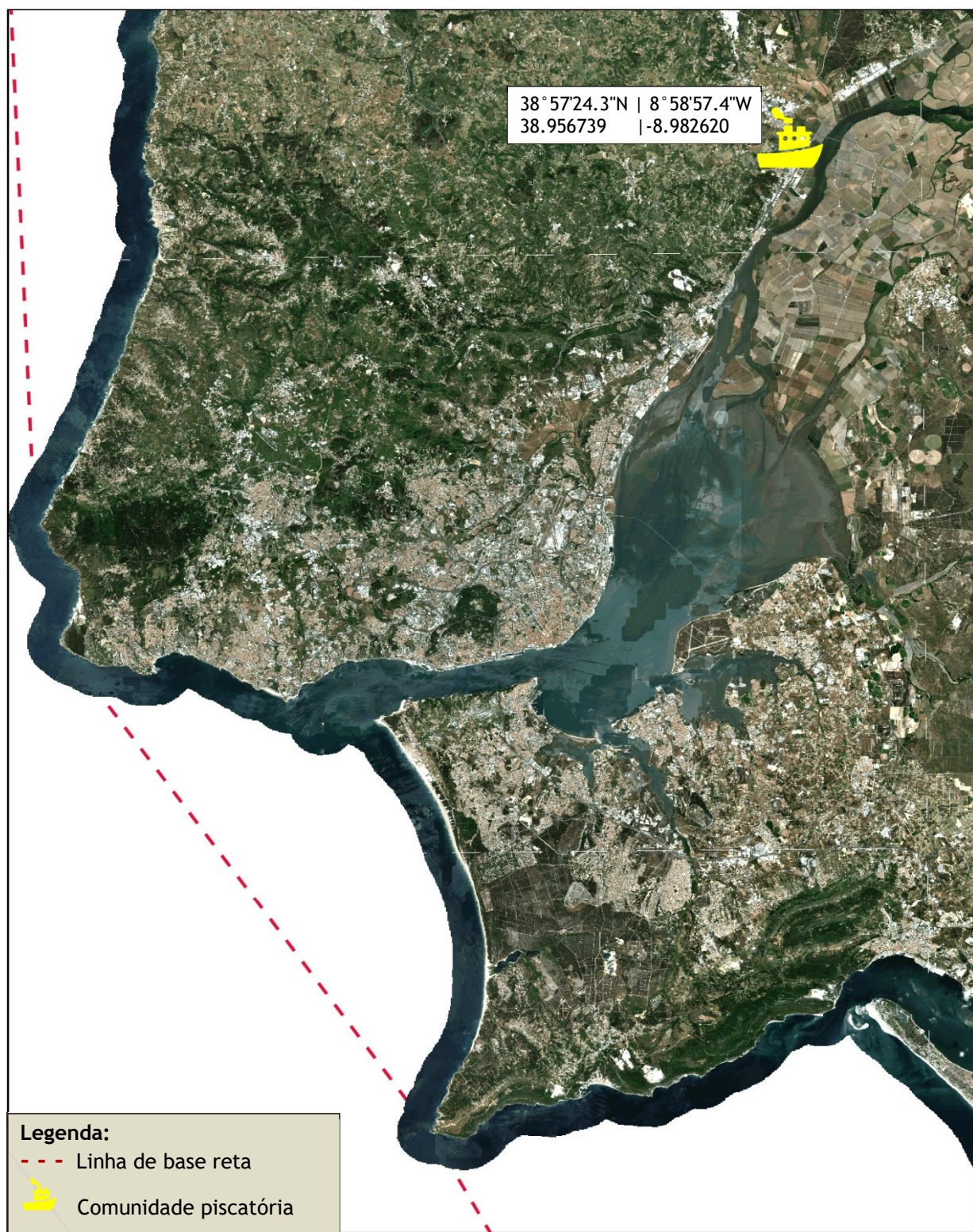


## Vila Franca de Xira (Vila Franca de Xira)

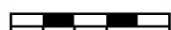
### Vila Franca de Xira

Esta comunidade que aceitou primeiro colaborar, recusou fazê-lo *a posteriori*, foi aliás a única em que isto aconteceu. Assim a documentação fotográfica restringe-se à paisagem, infraestruturas em terra de apoio à pesca e embarcações, e de três arrais com quem conversámos.

## Mapa de localização da comunidade piscatória



Escala: 1:400,000



Mosaico composto por imagens do sensor multiespectral Sentinel-2 adquiridas sobre o território de Portugal continental em maio de 2022, apresentado na cor verdadeira (RGB: vermelho, verde e azul), com as bandas B4, B3 e B2. Dados abertos da Direção-Geral do Território, 2022.



**LIV. IV. I. 1**  
Ponte de Vila Franca de Xira, junto à qual está o cais dos pescadores dessa comunidade. Ao fundo o rio Tejo para montante, na preia-mar, onde pescam alguns pescadores desta comunidade, em água doce. 17.01.2019.



**LIV. IV. I. 2**  
Cais dos pescadores de Vila Franca de Xira, junto à Ponte, na preia-mar, em 17.01.2019.



**LIV. IV. I. 3**  
Vista para jusante do curso do rio Tejo a partir da Ponte de Vila Franca de Xira. 17.01.2019.

Fonte das fotografias: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira  
(<https://www.youtube.com/watch?v=xOfi8PPg5YU>).

**LIV. IV. I. 4**

Vista do aglomerado urbano de Vila Franca de Xira entre o rio Tejo e a autoestrada A1, e a Ponte Marechal Carmona, em 1.01.2015.



**LIV. IV. I. 5**

Vista do rio Tejo para montante a partir de Vila Franca de Xira, em 1.01.2015.



Fonte das fotografias acima:  
(<https://www.youtube.com/watch?v=SlxirAMSlol>).

**LIV. IV. I. 6**

Ponte Marechal Carmona, junto ao cais dos pescadores em Vila Franca de Xira. 17.01.2019.



Fonte: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira  
(<https://www.youtube.com/watch?v=xOfi8PPg5YU>).



**LIV. IV. I. 7**

Construções palafitas do antigo bairro piscatório de Vila Franca de Xira, estando na primeira linha os anexos que serviam de arrumos de artes e aprestos de pesca, por onde acediam às embarcações através de pontes palafíticas, e logo atrás as edificações onde viviam os pescadores (c. 1980).  
© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 8**

Pontes/cais palafitas onde ficavam amarradas as embarcações na comunidade piscatória de Vila Franca de Xira, antes da regularização da margem do rio e da construção do atual bairro piscatório e da atual ponte/cais (c. 1980). © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 9**

Vista da zona ribeirinha quando ainda estava montada a estrutura palafítica de apoio à pesca e residência dos pescadores em Vila Franca de Xira, numa fase tardia e já sem o parcel (terra invadida por água nas praias mares - zona intertidal ou zona entremarés) e sem os salgueiros, caniços e os chorões (vegetação) (c. 1990). © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 10**

Vista da zona ribeirinha quando ainda estava montada a estrutura palafítica de apoio à pesca e de residência dos pescadores em Vila Franca de Xira, sendo ainda visíveis alguns caniços (vegetação). Quando o bairro começou a ser construído, existia uma faixa ribeirinha de cerca de 20 metros em zona de parcel (zona intertidal ou zona entremarés) com muita vegetação, sobretudo caniços e chorões/salgueiros, e as construções palafitas ficavam na parte de trás dessa vegetação. Com o evoluir do tempo, o rio levou a terra do parcel e a vegetação, e as construções palafitas ficaram mais expostas às condicionantes das marés, foi quando os pescadores começaram a reforçar as construções em alvenaria. Mais tarde a edilidade promoveu a construção do atual bairro piscatório.

© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 11**

Vista lateral do antigo bairro piscatório palafítico de Vila Franca de Xira, já sem o parcel (zona intertidal) e sem a vegetação que estava à frente dos anexos - espaço de arrumos palafíticos (c. 1980). © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 12**

Construções abarracadas sob pilares de alvenaria com laje em betão, divisões em alvenaria e madeira e cobertura em madeira e lusalite, na comunidade piscatória de Vila Franca de Xira (c. 1990). Nesta altura já o parcel tinha desaparecido e o rio chegava aos anexos, que estavam assentes em estacaria de alvenaria. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 13**

Embarcação tipo traineira, nome “El Mano”, governada por António Guerra, que se empregava ao arrasto de vara, tripulada por um casal de avieiros, a largar da sua amarração na ponte/cais palafítica em frente à habitação em Vila Franca de Xira (c. 1980). © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 14**

Embarcação com casco em madeira, tipo saveiro (com fundo chato e duas bicas, uma à ré e outra à proa), muito utilizado pelos avieiros até ao início do século XXI, altura em que foram substituídos pelos modernos barcos com casco em fibra de vidro, de mais fácil manutenção e mais ajustados às necessidades atuais da pesca. Neste caso, a embarcação estava registada na Direção Hidráulica do Tejo, n.º 13178, e tinha licença de pesca em águas interiores, e operava a montante da Ponte Marechal Carmona (c. 1980). © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 15**

Barcos amarrados a varas (abraçavam as varas) de forma a que pudessem subir e descer conforme as marés. As varas no meio de água serviam para atar os viveiros do camarão e das enguias para que se mantivessem vivos após captura para venda ou consumo. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 16**

Antiga zona do parcel (zona intertidal ou zona entremarés) que ficava pela parte de fora das casas palafitas, onde havia muita vegetação, e ainda se vê o tronco de um salgueiro velho já cortado, que servia para amarração das embarcações. As atuais casas de arrumos de material de pesca e a atual ponte e cais foram construídos neste sítio. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 17**

Barcos tipos saveiros, casco em madeira, fundo chato, duas bicas, encostados às pontes/cais palafitas em Vila Franca de Xira (c. 1970). A vegetação que se vê a sair da água era "palha moinha", que antigamente se utilizava para fazer as esteiras (uma espécie de colchão) em que os pescadores dormiam. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 18**

Antiga embarcação tipo saveiro, casco de madeira, de fundo chato, a navegar no rio Tejo junto ao antigo bairro de pescadores de Vila Franca de Xira. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 19**

Casas no antigo bairro piscatório de Vila Franca de Xira, estando um antigo pescador a reparar um galricho para capturar enguias ou camarão. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 20**

Casal de pescadores avieiros: a pescadora está a fazer uma nassa, para apanha de enguias ou camarão, e depois o pescador, seu marido, em trabalho colaborativo, arma a nassa com os arcos e prepara-a para trabalhar. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 21**

Pescador a remar em antiga embarcação tipo saveiro, de casco em madeira, fundo chato e duas bicas, no rio Tejo em frente a Vila Franca de Xira (c. 1960). Indumentária tradicional da pesca. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 22**

Pescadora *Ti Rosa Amália*, mulher do antigo mestre pescador Manuel do Vau, a remar em preparação para lançar a rede no rio Tejo a norte da ponte de Vila Franca de Xira (c. 1970). Traje e maneira de viver avieira. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.

LIV. IV. I. 23

Pescador a fazer uma rede provavelmente para envolver/proteger o saco do arrasto de vara, ou então era uma rede para descansar, porque a malha é grande e utiliza o duplo nó, em Vila Franca de Xira, em 4.03.2011.

© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

Autor: Amélia Gonçalves.



LIV. IV. I. 24

Pescador a coser galrichos em Vila Franca de Xira.

© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.





**LIV. IV. I. 25**

Corrida de saveiros (ou bateiras) a quatro remos, com tripulação feminina, para ver quem chegava primeiro à meta, no quadro da feira do melão (ou festa do melão) que se realizava anualmente em Vila Franca de Xira. Havia pescadores ligados à agricultura que produziam melões, e que os transportavam nos barcos, e aproveitavam a feira para fazer esta atividade e para ver quem era mais rápido a remar. Em primeiro plano a embarcação “Tania Claudia”, registo n.º VX-653-L, construída e entrada ao serviço em 1984, com 8.60 m de comprimento fora a fora e 1.46 de arqueação bruta (GT), e em segundo plano as embarcações tipo traineiras amarradas às pontes/cais palafíticas e alguns pescadores a observarem nos “anexos” (espaços de arrumos de material de pesca) (c. 1990). © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 26**

Manuel do Vau e a sua mulher, Ti Rosa Amália, a lançarem as cordas das armadilhas de abrigo (nassas) para o camarão a norte da ponte de Vila Franca de Xira. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 27**

Colher rede sabogal (três panos), tendo emalhado duas tainhas-fataças (*Chelon ramada*) em frente a Vila Franca de Xira (c. 1990). © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 28**

Colher rede sabogal (três panos), que era para capturar saboga, utilizada à deriva. A rede é colhida pela ré (parte de trás do barco). Também é dirigida à captura de barbo, fataça e sável, e pode apanhar lampreia se a malha for mais reduzida. Rio Tejo, em frente a Vila Franca de Xira (c. 1990).

© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 29**

Sr. Manuel Lourenço a preparar uma rede de arrasto (a atar o arraçal ao aro), em Vila Franca de Xira (c. 1990). © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 30**

Embarcações tipo saveiro, casco em madeira, fundo chato, duas bicas, afetas à pesca profissional, na margem do Tejo em frente a Vila Franca de Xira (c.1994/95). A primeira, “Adelaide Maria”, registo n.º VX-589-L, construída e entrada ao serviço em 1980, com 7.20 m de comprimento fora a fora e 0.82 de arqueação bruta (GT), foi motorizada em 29.11.1995 (motor de 6 kW), cujos pescadores estão a retirar de bordo a rede sabogal (três panos), e a segunda a “Jorge Miguel”, registo n.º VX-506-L, construída e entrada ao serviço em 1971, com 6.51 m de comprimento fora a fora e 1.4 de tonelagem bruta (TAB). © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



LIV. IV. I. 31  
Nassas ao sol, a secar, já no atual passadiço de acesso aos arrumos de material de pesca em Vila Franca de Xira. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



LIV. IV. I. 32  
Joaquim Ferreira Moreira, alcunha “Joca”, armador e arrais da embarcação “Joca” (VX-682-L), a preparar uma nassa (armadilha de abrigo) para capturar camarão e enguia no abrigo de pesca em Vila Franca de Xira, em 4.03.2011. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Amélia Gonçalves.



LIV. IV. I. 33

Teresa Maria Rosa, nascida na Praia da Vieira de Leiria, e Manuel Charana, nascido em Alpiarça, casal de avieiros, chegados ao Ribatejo provavelmente em finais do século XIX, a colher a rede de tresmalho fundeada. A mulher controlava a embarcação tipo saveiro por remos, apesar de ser motorizada (estava equipada com motor de cinco cavalos), e o esposo começava a alar manualmente o cabo da rede, junto à Ponte de Vila Franca de Xira, em meados da década de 1970. Esta rede teria até 2,5 metros de altura, e cerca de cem metros de comprimento (cada aparelho), e dirigia-se à pesca de barbos e tainha-fataça, e algumas vezes podia capturar robalos, mas seria esporádico porque era fundeada com duas fateixas, uma em cada extremidade.

© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 34**  
Lampreias-do-mar  
capturadas com rede  
lampreeira (três panos),  
malha de 6 cm,  
mantidas vivas na água  
dentro do casco da  
embarcação, em Vila  
Franca de Xira, em 4 de  
março de 2011.  
© Câmara Municipal de  
Vila Franca de Xira.  
Autor: Amélia  
Gonçalves.



**LIV. IV. I. 35**

Lamproieira-do-mar dentro de um saco de rede miúda que serve para a manter em cativeiro, viva, dentro de água. Vila Franca de Xira, em 4 de março de 2011. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Amélia Gonçalves.



**LIV. IV. I. 36**

Mulheres dos pescadores a amanhar o pescado na margem do rio Tejo em Vila Franca de Xira, quando ainda a água estava limpa. As vísceras eram deitadas ao rio, diz-se que alimentavam os camarões (c. 1990). © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. I. 37**

Cais dos pescadores junto à Ponte de Vila Franca de Xira, limite da pesca profissional nas águas interiores não marítimas do rio Tejo e da jurisdição da Capitania do Porto de Lisboa.  
Vila Franca de Xira, 9.01.2019



**LIV. IV. I. 38**

Embarcação de pesca profissional denominada “Sao Celia do Mar”, registo n.º VX-698-L, juntamente com uma embarcação recreativa para a pesca lúdica registo n.º 1313VX5, na baixa mar junto a um cais palafítico, estando ao fundo envolvidas na vegetação os espaços de arrumos de artes e material de pesca. Vila Franca de Xira, 6.04.2015.



LIV. IV. I. 39  
Ponte Marechal Carmona (ou Ponte de Vila Franca de Xira).  
9.01.2019.



LIV. IV. I. 40  
Zona de arrecadações de material de pesca envolvida em vegetação, e ponte para o cais de pesca.  
Vila Franca de Xira, em 6.04.2015.



**LIV. IV. I. 41**  
Bairro dos Pescadores. Estendal. Roupa a secar.  
Vila Franca de Xira, em 9.01.2019.



**LIV. IV. I. 42**  
Bairro dos Pescadores e Centro de Artes do Rio “Manuel do Vau”, que serve de sede do Rancho Típico Avieiros e está envolto em grande polémica por os pescadores locais quererem que seja simultaneamente sede de uma associação de pesca que pensam constituir.  
Vila Franca de Xira, em 9.01.2019.

**LIV. IV. I. 43**

Sr. António Charana, pescador de Vila Franca de Xira, a reparar a rede de emalhar de um pano com agulha de madeira.

Vila Franca de Xira

24.09.2018



**LIV. IV. I. 44**

Sr. António Charana, após reparar a rede acondiciona-a para a levar ao barco.

Vila Franca de Xira

24.09.2018



**LIV. IV. I. 45**

Agulha de madeira para reparar as redes em pausa no “banco do pescador”.

Vila Franca de Xira

24.09.2018





**LIV. IV. I. 46**

Maria de Lurdes Mirão  
Moreira, arrais e proprietária  
da embarcação “Nicole” (VX-  
680-L).

A preparar uma calda com pó  
de graxa preto e casca de  
pinheiro para mergulhar os  
galrichos, com o objetivo de  
proteger e colorir a malha de  
preto para pescar melhor.

Vila Franca de Xira

10.01.2019



**LIV. IV. I. 47**

Maria de Lurdes Mirão  
Moreira, arrais e proprietária  
da embarcação “Nicole” (VX-  
680-L).

A afundar os galrichos na  
calda.

Vila Franca de Xira

10.01.2019



**LIV. IV. I. 48**

Maria de Lurdes Mirão  
Moreira, arrais e proprietária  
da embarcação “Nicole” (VX-  
680-L).

A tirar os galrichos da calda  
para colocar a secar. O fumo  
que se observa resulta da  
aplicação da calda quente.

Vila Franca de Xira

10.01.2019



**LIV. IV. I. 49**

Zona de arrecadações de material de pesca envolvida em vegetação e com muito lixo que nas marés grandes escoam para o rio, e acaba por chegar ao mar (Canhão do Tejo).

Vila Franca de Xira, em 6.04.2015.



**LIV. IV. I. 50**

Corredor de acesso às arrecadações de material de pesca.

Vila Franca de Xira, em 6.04.2015.



**LIV. IV. I. 51**

Barco tipo saveiro, casco em madeira, fundo chato, duas bicas, tripulado por Manuel do Vau à proa, e um camarada à ré, a prepararem-se para a faina com rede sabogal (três panos) para a lampreia. Vila Franca de Xira, em 6.04.2015.



**LIV. IV. I. 52**

Na sequência, a embarcação a navegar para o pesqueiro no rio Tejo em frente a Vila Franca de Xira, em 6.04.2015.



**LIV. IV. I. 53**  
Nassas a secar.  
Vila Franca de Xira, em 6.04.2015.



**LIV. IV. I. 54**  
Embarcação “Sara Catia Jessica”, registo n.º VX-703-L, com 4.55 de comprimento fora a fora, 0.88 de arqueação bruta e 18.40 kW de potência do motor principal.  
A chegar da pesca com redes de três panos.  
Vila Franca de Xira, em 6.04.2015.

**LIV. IV. I. 55**

Embarcação “Júlio”, registo n.º VX-726-L, de que José Júlio Vicente Fernandes é o proprietário, armador e arrais de pesca local, e opera na maior parte das vezes ao polvo com a arte da piteira na foz do rio Tejo. Vila Franca de Xira, em 6.04.2015.



**LIV. IV. I. 56**

Cais para as embarcações de pesca profissional que também serve as embarcações de pesca lúdica. Vila Franca de Xira, em 6.04.2015.





**LIV. IV. I. 57**

Artes e aprestos de pesca depositados sobre o cais, que já está bastante danificado.  
Vila Franca de Xira, em 6.04.2015.



**LIV. IV. I. 58**

Amêijoia-japonesa capturada no estuário do rio Tejo irregularmente com recurso a ganchorra a reboque de embarcação motorizada (a única arte autorizada é o berbigoeiro). Na fotografia está a ser escolhida a bordo de embarcação de pesca. 9.01.2019.



**LIV. IV. I. 59**

Tartaruga-marinha-comum, com sete quilos, que se enredou em rede corvineira (rede de um pano fundeada) da embarcação “Aldegalega”, registo n.º B-715-L, da comunidade piscatória do Montijo, de que Jorge Manuel Gonçalves Machado da Costa Silva é o proprietário, armador e arrais, no Mar da Palha, em 06.06.2020. Em agosto de 2018, este mesmo mestre operava com rede de três panos à deriva, dirigida às douradas e robalos, e junto dos pilares da ponte Vasco da Gama enredou uma tartaruga-de-couro, uma gigante escura com mais de meia tonelada. Não é coincidência, uma vez que nesse ano as águas estavam bastante quentes, e as alforrecas, de que se alimentam, eram aos milhares, ao ponto de impedirem os pescadores de operarem com redes. Não obstante, são frequentes relatos da tartaruga-marinha-comum enredar, e depois são libertadas novamente no estuário do rio Tejo.



**LIV. IV. I. 60**

Embarcação “Nicole”, registo n.º VX-680-L de que Maria de Lurdes Mirão Moreira é proprietária e armadora, e desempenha a bordo as funções de arrais, estando habilitada com a categoria de arrais de pesca local. Vila Franca de Xira, 9.01.2019.



**LIV. IV. I. 61**

Embarcações “Tornado” (VX-688-L) e “Débora Carrelo” (VX-756-L), em seco.  
Vila Franca de Xira, em 9.01.2019.



**LIV. IV. I. 62**  
Cais repleto de artes e aprestos de pesca.  
Vila Franca de Xira, em 6.04.2015.



**LIV. IV. I. 63**  
Zona de armazéns de arrumos de artes e aprestos de pesca envolvida em vegetação.  
Vila Franca de Xira, em 6.04.2015.



**LIV. IV. I. 64**

Embarcação “Jamaica”, registo n.º VX-771-L, casco em fibra, com sete metros de comprimento fora a fora, 2.27 de arqueação bruta e 24.40 kW de potência do motor principal, que está bastante degradada apesar de ter sido construída e de ter entrado ao serviço em 2004.  
Vila Franca de Xira, 9.01.2019.



**LIV. IV. I. 65**

Nuno Alexandre Moreira Tomás, arrais de pesca local da embarcação “Enguia”, registo n.º VX-774-L, casco em fibra, a reparar um cabo de rede. Vila Franca de Xira, 10.01.2019.



**LIV. IV. I. 66**

Nuno Alexandre Moreira Tomás, nascido em 1977, arrais de pesca local da embarcação “Enguia”, registo n.º VX-774-L, no cais a reparar um cabo de rede.  
Vila Franca de Xira, 10.01.2019.



LIV. IV. I. 67

Mural de António Alves Redol e descrição de suas obras literárias na parede exterior do Pavilhão da União Desportiva Vilafranquense (U.D.V).  
Vila Franca de Xira, 14.01.2019



LIV. IV. I. 68

Corvo Marinho que habita o rio Tejo, tido por alguns marítimos como uma ameaça, em frente ao bairro dos pescadores em Vila Franca de Xira, 13.01.2019.



**LIV. IV. I. 69**

Escultura de homenagem à comunidade Avieira localizada na frente ribeirinha da autoria de João Duarte. Foi inaugurada no dia 1.10.2011 pela Sra. Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Maria da Luz Rosinha.

Vila Franca de Xira, em 10.01.2019.

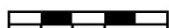
Alhandra (Vila Franca de Xira)

## Alhandra

## Mapa de localização da comunidade piscatória



Escala: 1:400,000



Mosaico composto por imagens do sensor multiespectral Sentinel-2 adquiridas sobre o território de Portugal continental em maio de 2022, apresentado na cor verdadeira (RGB: vermelho, verde e azul), com as bandas B4, B3 e B2. Dados abertos da Direção-Geral do Território, 2022.



LIV. IV. II. 1  
Vista aérea da zona ribeirinha Alhandra, onde está instalado o bairro dos pescadores, a zona de arrumos de material de pesca e o atual cais de pesca. Ao fundo está a ponte de Vila Franca de Xira, junto à qual está o cais dos pescadores dessa comunidade.  
26.08.2014.



LIV. IV. II. 2  
Vista aérea da zona ribeirinha de Alhandra, onde estão instalados os espaços de arrumos de material de pesca e o cais de pesca, em 26.08.2014.



LIV. IV. II. 3  
Vista aérea da zona ribeirinha de Alhandra, sendo visível o rio Tejo para jusante, o início do mouchão, e o cais de pesca, em 26.08.2014.

Fonte das três fotografias da vista aérea:  
<https://www.youtube.com/watch?v=92BUYQHlHY&list=P LYne6llxnnfSUPLFkjMrOLe5JG0ZoQL8h>.



LIV. IV. II. 4  
Vista aérea da zona ribeirinha de Alhandra, com incidência no bairro dos pescadores, na zona de arrumos de artes e aprestos de pesca e no cais de pesca profissional, sendo visível o rio Tejo para montante, em 26.08.2014.



LIV. IV. II. 5  
Vista aérea da zona ribeirinha de Alhandra, com incidência no núcleo urbanos e cais de pesca profissional, em 26.08.2014.



LIV. IV. II. 6  
Embarcações de pesca profissional encalhadas na zona ribeirinha de Alhandra, em 26.08.2014.

Fonte das fotografias:  
<https://www.youtube.com/watch?v=92BUYQHhHY&list=P LYne6lXnnfSUPLFkjMrOLE5JG0ZoQL8h>

LIV. IV. II. 7

Vista aérea da zona ribeirinha de Alhandra, destacando-se o mouchão, a fábrica de cimento da Cimpor e o cais dos pescadores. Vista do rio para jusante. 26.07.2016.



LIV. IV. II. 8

Vista aérea da zona ribeirinha de Alhandra, destacando-se a fábrica de cimento da Cimpor e o cais dos pescadores. Ao fundo a Ponte de Vila Franca de Xira. 26.07.2016.



Autor das duas fotografias acima: Armando Marques (<https://www.youtube.com/watch?v=q7-EUBaGVGM>).

LIV. IV. II. 9

Frente ribeirinha de Alhandra, onde é visível o cais de pesca profissional, as arrecadações de material de pesca e o bairro dos pescadores.



Fonte: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira ([https://www.cm-vfxira.pt/pages/531?image\\_gallery\\_id=51](https://www.cm-vfxira.pt/pages/531?image_gallery_id=51)) (15.09.2019).



**LIV. IV. II. 10**

Constantino Alberto de Oliveira Padinha, nascido em 1937, atualmente o mais antigo arrais em atividade em Alhandra, e a mulher Emília Tocha Mendes, pescadora, proprietários da embarcação “Vem Comigo” (VX-689-L), a colher redes de emalhar de um pano, em frente à CIMPOR em Alhandra. Ano de 2013. Fotografia gentilmente cedida pelo próprio.



**LIV. IV. II. 11**

Constantino Alberto de Oliveira Padinha, a reconstruir uma canoa, função que desempenhava com mestria, na frente ribeirinha de Alhandra, ainda antes da reorganização do espaço e da construção das atuais casas de arrumos de material de pesca e do atual bairro piscatório. Década de 1980. Fotografia gentilmente cedida pelo próprio.



LIV. IV. II. 12

José Mendes, arrais de pesca, e Mariana Sequeira Mendes, pescadora, membros da comunidade piscatória de Alhandra, a colherem o arrasto de vara. Fotografia tirada da Tabela das Marés, propriedade da Administração do Porto de Lisboa, em 1994.



LIV. IV. II. 13

Antigo cais palafítico de Alhandra.

Fotografia cedida gentilmente pelo arrais João Guerra Tavares.



LIV. IV. II. 14

O arrais João Guerra Tavares a demolir as antigas construções abarracadas que serviam de habitação, aquando da construção do atual Bairro dos Pescadores.

Fotografia gentilmente cedida pelo próprio.



**LIV. IV. II. 15**

José Faneca, e mulher, Maria Moreira, a puxar o saco do arrasto de vara para dentro da embarcação “Cristina” (VX-737-L), em frente a Alhandra. Finais da década de 1990. Fotografia cedida gentilmente pelo arrais João Guerra Tavares.



**LIV. IV. II. 16**

Antiga sede da Associação dos Pescadores de Alhandra, ainda no antigo bairro de construção abarracada, estando em primeiro plano o saveiro de Manuel Mendes a ser preparado para um cruzeiro do Tejo. Finais da década de 1990. Fotografia cedida gentilmente pelo arrais João Guerra Tavares.



**LIV. IV. II. 17**

Nassas em cima dos cais, ao sol, onde eram reparadas. Quando a maré enchia eram colocadas novamente dentro das embarcações para largar no estuário do rio Tejo. Alhandra, em março de 1996.  
© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Constantino.



**LIV. IV. II. 18**

Antigas ponte/cais palafita na zona ribeirinha de Alhandra, na zona mais a montante utilizada pelos pescadores profissionais (imediatamente a jusante ficavam os lúdicos), em abril de 1998.  
© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Marco Aurélio.



**LIV. IV. II. 19**

Embarcações recreativas de pesca lúdica, tipo saveiro, de fundo chato, duas bicas, casco em madeira, encostadas ao “Cais 14”, em fevereiro de 2003 (construção palafítica que já não existe e que se localizava mais a jusante na zona ribeirinha de Alhandra).

© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Constantino.



**LIV. IV. II. 20**

Zona ribeirinha no chamado “Cais 14”, já removido, que corresponde hoje à frente ribeirinha em frente ao Museu Sousa Martins. Esta zona era ocupada pelos pescadores lúdicos e ficava mais para jusante, e mais a montante ficavam as casas e os espaços de arrumos e as pontes/cais palafitas dos pescadores profissionais. Ao fundo está a navegar uma barça que transportava areia do Carregado para Lisboa, utilizada na construção civil. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. II. 21**

Construções abarracadas para habitação, espaços de arrumos de artes de pesca e pontes/cais palafitas, quando ainda não estava construído o bairro dos pescadores de Alhandra (c. 1980).

© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Desconhecido.



**LIV. IV. II. 22**

Nassas a secar na ponte/cais palafita na zona ribeirinha de Alhandra, para serem colocadas nas embarcações quando estivesse preia-mar, em março de 1996.

© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Constantino.



**LIV. IV. II. 23**

Pontes/cais palafitas com embarcações amarradas, casas de habitação e anexos de arrumos de material de pesca na zona ribeirinha de Alhandra, em junho de 1991.

© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Hélder Dias.



**LIV. IV. II. 24**

Construção do novo bairro dos pescadores em Alhandra, maio de 1998, antes da regularização da zona ribeirinha que eliminou os cais palafitas com a introdução de um moderno cais modular flutuante.

© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: Hélder Dias.



**LIV. IV. II. 25**

Arrecadações dos pescadores e área pública por estes utilizada, onde estendem redes para as secar e reparar. Alhandra, 20.12.2018.



**LIV. IV. II. 26**

Arrecadações de artes e aprestos de pesca. A cobertura do espaço entre as arrecadações é feita por uma generosa parreira que produz uvas que fazem uma boa água-pé. Alhandra, 6.04.2015.



**LIV. IV. II. 27**

Vista sobre a zona ribeirinha de Alhandra, onde está o cais de pesca e os armazéns de artes e aprestos de pesca, estando ao fundo a Ponte de Vila Franca de Xira. Alhandra, em 11.10.2019.



**LIV. IV. II. 28**

Cais modular flutuante. Alhandra, 20.12.2018.



**LIV. IV. II. 29**

José António Padinha da Silva, proprietário e armador da embarcação “Ze” (TR-1750-L), onde exerce a bordo as funções de arrais, que entrou em operação no ano de 2019.  
Cais de Alhandra, em 22.12.2018.



**LIV. IV. II. 30**

Embarcação “Guima” (TR-1411-L), com licença de artes de pesca para a zona do rio Tejo, propriedade de José António Padinha da Silva, que foi abatida em final de 2019 para dar lugar à embarcação “Ze” (TR-1750-L).



**LIV. IV. II. 31**

Embarcação “Bruno e Tiago” (VX-733-L), de que José Carlos Mendes Padinha é proprietário e armador, e exerce a bordo as funções de arrais, no estuário do rio Tejo, em 20.04.2017. Na ré está o seu filho, Tiago Padinha, também pescador e membro da tripulação, a iniciar a preparação da faina.



**LIV. IV. II. 32**

Embarcação “Bruno e Tiago” (VX-733-L), a navegar no estuário do rio Tejo, em 20.04.2017.



**LIV. IV. II. 33**

José Carlos Mendes Padinha, 49 anos, a bordo da embarcação “Bruno e Tiago” (VX-733-L), junto ao “turco”, como se chama o ferro e a roldana para alagem manual de material pesado, com o seu filho Tiago Padinha, pescador, na época da pesca da corvina. Alhandra, em 20.04.2017.



**LIV. IV. II. 34**

Embarcação “Bruno e Tiago” (VX-733-L) na rampa de varadouro de Alhandra, em 22.10.2006. Esta embarcação apesar de estar em boas condições foi recentemente abatida e as licenças de pesca transitaram para uma nova unidade que foi registada na pesca local na Delegação Marítima de Vila Franca de Xira, mantendo a denominação e que recebeu o conjunto de identificação VX-780-L.



LIV. IV. II. 35

Embarcação “Ana Maria II”, registo n.º VX-721-L, no rio Tejo, em frente a Alhandra, em 2016.



LIV. IV. II. 36

Embarcação “Desassossego” (VX-760-L), de que Adelino de Jesus Ramusga, adepto fervoroso do Sporting Clube de Portugal, é proprietário e armador. Desempenha a bordo as funções de arrais, estando habilitado com a categoria de arrais de pesca. Cais de pesca de Alhandra, em 8.01.2019.



**LIV. IV. II. 37**

Embarcações “Tigre” (VX-769-L), governada por Fernando de Jesus Moreira, e “Vem Comigo” (VX-689-L), governada por Constantino Alberto de Oliveira Padinha, ambas encostadas ao cais profissional de Alhandra, em 20.12.2018.



**LIV. IV. II. 38**

Lúcio de Jesus Soares Mendes, proprietário e armador da embarcação “Fátima” (VX-738-L), onde exerce a bordo as funções de arrais. Alhandra, em 7.01.2019.



**LIV. IV. II. 39**

Isidro Tomás Mira, proprietário e armador da embarcação “Solitario” (VX-746-L), onde exerce a bordo as funções de arrais, a preparar o arrasto de vara no cais de pesca profissional de Alhandra, em 20.12.2018.



**LIV. IV. II. 40**

Isidro Tomás Mira, a sair do cais de pesca profissional de Alhandra para fazer alguns lanços ao arrasto de vara próximo da Ponte Vasco da Gama. A saída neste dia atrasou devido à “cachão” (ondulação) do rio. Alhandra, em 8.01.2019.



**LIV. IV. II. 41**

Constantino Alberto Oliveira Padinha, nascido em 1937, proprietário, armador e arrais de pesca da embarcação “Vem Comigo”, registo n.º VX-689-L, que tem como tripulante a sua mulher, Emília Tocha Mendes, pescadora, são os pescadores mais antigos em atividade e dos mais conhecedores da pesca em Alhandra.



**LIV. IV. II. 42**

José Carlos Mendes Padinha, 49 anos, proprietário e armador da embarcação “Bruno e Tiago” (VX-780-L), onde exerce a bordo as funções de arrais, a entralhar rede de emalhar de um pano (para andar à deriva) fabricada em monofilamento de nylon (nó duplo). Alhandra, estendal de redes, em 5.01.2019.

**LIV. IV. II. 43**

Pormenor do trabalho de José Carlos Mendes Padinha, a entralhar rede de emalhar de um pano. Alhandra, em 5.01.2019.





**LIV. IV. II. 44**

Vítor Manuel Guerra Tavares (alcunha vitinho), proprietário da embarcação “Catarina” (VX-729-L), onde exerce a bordo as funções de arrais, a fazer uma rede corvineira (rede de emalhar de um pano), na sua arrecadação de material de pesca.

Alhandra, em 19.12.2018.



**LIV. IV. II. 45**

José António Padinha da Silva, proprietário, armador e arrais de pesca da embarcação “Ze”, registo n.º TR-1750-L, a entralhar rede de malha miúda para pescar azevia e pescada fora de barra, também pata-roxa e salmonete. Alhandra, em 13.01.2019.



**LIV. IV. II. 46**

Inácio Paulo Grácia Guerra, proprietário e armador da embarcação “Vagabundo” (VX-764-L), onde exerce a bordo as funções de arrais, a segurar uma nassa constituída de três anéis metálicos e dois funis internos (nassos). Tem a categoria profissional de arrais de pesca.

Alhandra, em 19.12.2018.



LIV. IV. II. 47

Inácio Paulo Grácia Guerra, a reparar a rede de emalhar de um pano. Alhandra, em 4.01.2019.



LIV. IV. II. 48

Pormenor de Inácio Paulo Grácia Guerra a reparar a rede de emalhar de um pano. Alhandra, em 4.01.2019.



**LIV. IV. II. 49**

António Grácio Tomaz, proprietário e armador da embarcação “Ana Maria” (VX-702-L), onde exerce a bordo as funções de arrais, a entralhar uma nova rede de emalhar de um pano. Tem a categoria profissional de arrais de pesca.

Alhandra, em 19.12.2018.



LIV. IV. II. 50

Inácio Paulo Grácia Guerra, a retirar a rede de cima do “estendal”, já reparada, para o carrinho que serve de transporte até à sua arrecadação de material de pesca. Alhandra, em 4.01.2019.



LIV. IV. II. 51

Inácio Paulo Grácia Guerra é ajudado por António Grácio Tomaz no processo de transporte das redes para a arrecadação de material de pesca, o que demonstra o espírito de solidariedade destes dois elementos desta comunidade piscatória, uma raridade nos dias que correm no cenário das pescas do rio Tejo. Alhandra, em 4.01.2019.



LIV. IV. II. 52

António Grácio Tomaz, a mostrar a sujidade - restos de matéria orgânica - resultante da operação com as redes de emalhar de um pano, motivo pelo qual as redes estão a secar no estendal de redes, para depois ser mais fácil retirar essa sujidade. Alhandra, em 19.12.2018.



LIV. IV. II. 53

Estendal utilizado para nassas, que estão a secar e depois vão ser reparadas. Alhandra, em 11.10.2019.



LIV. IV. II. 54

Caçada de nassas, juntamente com as boias de sinalização, a secar no estendal.  
Alhandra, em 11.10.2019.



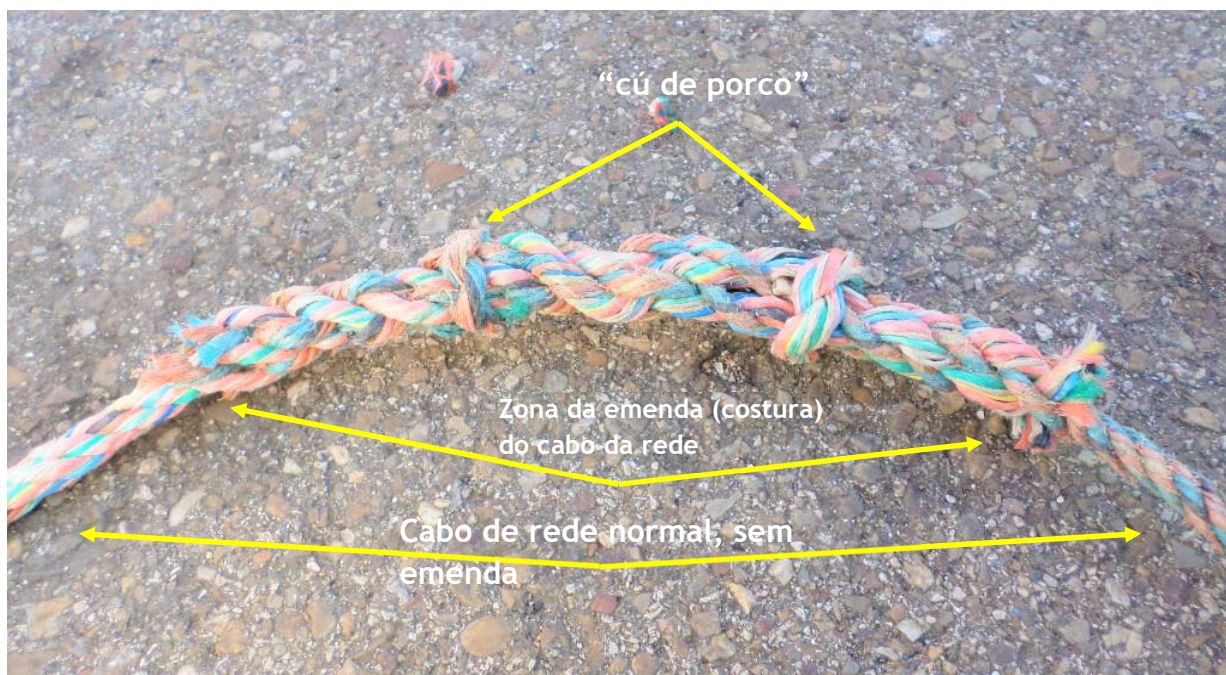
LIV. IV. II. 55

Pormenor das nassas, a secar no estendal ainda sem serem reparadas. São utilizadas na captura do “camarão do rio” entre setembro e dezembro. Alhandra, em 11.10.2019.



**LIV. IV. II. 56**

António Grácio Tomaz, arrais de pesca, a costurar (ou emendar) o cabo superior da rede de emalhar de um pano fazendo dois “cú de porco”, junto à arrecadação de material de pesca. Alhandra, em 6.01.2019.



**LIV. IV. II. 57**

Pormenor do cabo de rede após emendado onde são mais visíveis os dois “cú de porco” Trabalho do arrais de pesca António Grácio Tomaz. Junto à arrecadação de material de pesca em Alhandra, em 6.01.2019.



LIV. IV. II. 58

Luís Miguel Xarana Guerra, nascido em 1971, proprietário e armador da embarcação “Sara Cristina” (VX-683-L), onde exerce a bordo as funções de arrais (está habilitado com a categoria profissional de arrais de pesca), a reparar as nassas para a pesca do camarão do rio. Alhandra, em 11.10.2019.



LIV. IV. II. 59

António Grácio Tomaz a puxar o carrinho de transporte de artes de pesca, sendo sua a videira que está junto à porta de entrada da arrecadação, de onde retira todos anos uvas suficientes para fazer cerca de cem litros de água-pé (uva morangueira branca). Alhandra, em 6.01.2019.



**LIV. IV. II. 60**

Constantino Alberto Mendes Padinha, proprietário e armador da embarcação “Céu” (VX-765-L), onde exerce a bordo as funções de arrais, a remendar uma rede de emalhar de um pano no “estendal”, malha de 120 mm. Tem a categoria de arrais de pesca local Alhandra, em 8.01.2019.



**LIV. IV. II. 61**

António Grácio Tomaz, a entralhar rede de emalhar de um pano junto à sua arrecadação de material de pesca. Alhandra, em 5.01.2019.



LIV. IV. II. 62

António Grácio Tomaz a entralhar redes com o apoio de um pau que designa de “camarada”, junto à arrecadação de material de pesca em Alhandra, em 5.01.2019.



LIV. IV. II. 63  
António Grácio Tomaz, a segurar um “chalrão”, também conhecido como “xalrão” ou “redisca”, constituído por um pano de rede amarrado em duas pequenas varas laterais, formando uma bolsa de malha inferior a um centímetro, utilizado para capturar camarinha nas salinas desativadas para iscar as nassas (ou armadilhas de abrigo) para a pesca da enguia. Este apetrecho é operado por uma pessoa que o arrasta caminhando com a água pela cintura, e a camarinha entra e fica alojada dentro do saço. É muito utilizado nas salinas do Samouco. Alhandra, em 24.11.2019.



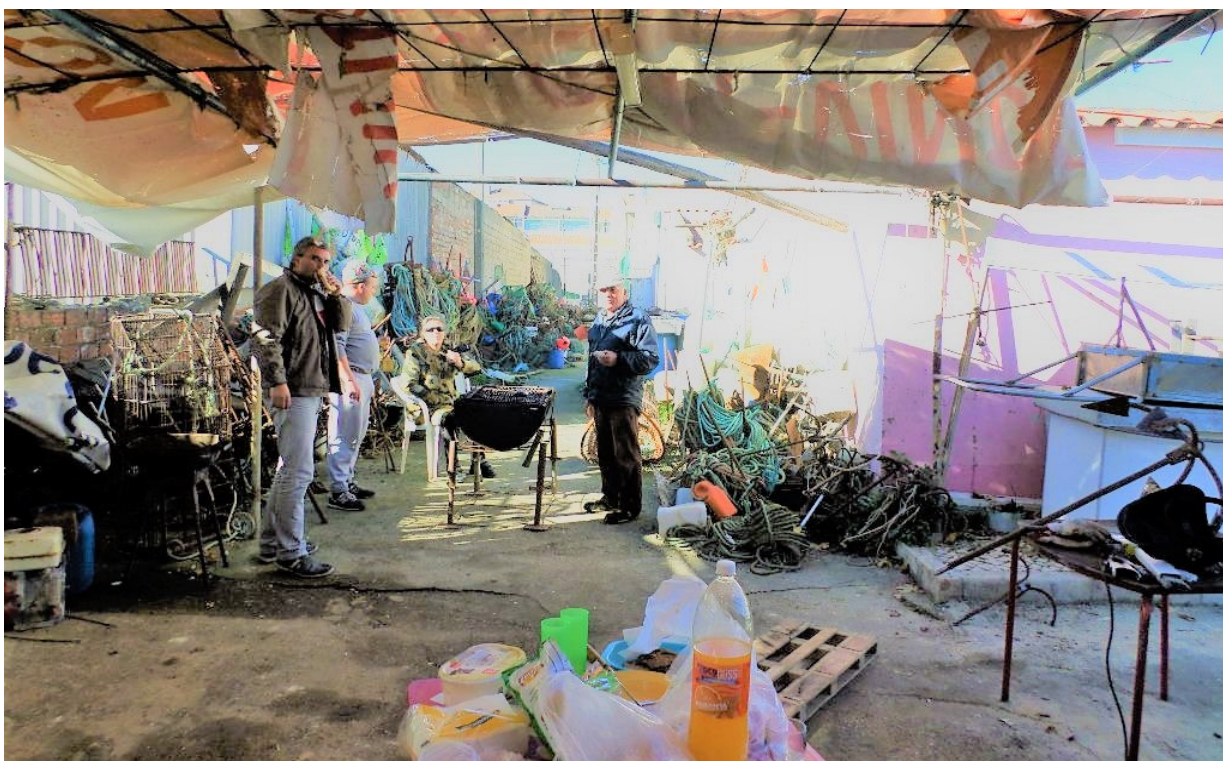
LIV. IV. II. 64

Pormenor do “Chalrão”. Este apetrecho tem um saço de malha inferior a um centímetro, e é utilizado para capturar camarinha nas salinas desativadas para iscar as nassas (ou armadilhas de abrigo) para a pesca da enguia. Alhandra, em 24.11.2019.



**LIV. IV. II. 65**

António Grácio Tomaz, a preparar as nassas para a pesca do camarão do rio, junto à sua arrecadação de material de pesca. Alhandra, em 11.10.2019.



**LIV. IV. II. 66**

José António Padinha da Silva, a preparar um churrasco para o filho José Padinha e para a mulher Maria Luísa, na zona de arrumos de artes e aprestos de pesca. Convidou o investigador Marco Pais Neves dos Santos a juntar-se à patuscada, tendo este aceitado, transformando-se num interessante momento de convívio. Alhandra, em 7.01.2019.



**LIV. IV. II. 67**

João Guerra Tavares, nascido em 1960, proprietário e armador da embarcação “Fátima e Marta”, registo n.º VX-770-L, onde exerce a bordo as funções de arrais, a colher rede de emalhar de um pano de malha superior a 120 mm, conhecida como rede corvineira, carregada de algas, localmente conhecidas como “alfaces” ou “alga alfacinha”, na parte de cima da Ponte Vasco da Gama. Nesta zona, em qualquer altura, é frequente as redes virem cheias de algas. O mestre tem a categoria profissional de arrais de pesca. Rio Tejo, em 2.06.2018.



LIV. IV. II. 68

João Guerra Tavares a colher em zona baixa e em baixa-mar exemplares de corvina-legítima próximo da Póvoa de Santa Iria, um dia de grande pescaria. S/ data. Fotografia cedida pelo próprio.



LIV. IV. II. 69

José António Padinha da Silva a segurar dois exemplares de corvina-legítima junto às casas de arrumos de material de pesca em Alhandra. S/ data. Fotografia cedida pelo próprio.



LIV. IV. II. 70

Caranguejo-chinês, também conhecido como “sapateira do rio”, capturado por Inácio Paulo Grácia Guerra. Alhandra, em 19.12.2018.



LIV. IV. II. 71

Caranguejo-chinês, exemplar grande, pormenor da margem frontal e da densa cobertura de pelos sobre as pinças dos quelípedes, que facilitam a sua identificação. Capturado por Inácio Paulo Grácia Guerra. Alhandra, em 19.12.2018.



LIV. IV. II. 72

Caranguejo-chinês, exemplar grande, pormenor da carapaça (largura - 6 cm) e das patas, capturado por Inácio Paulo Grácia Guerra. Alhandra, em 19.12.2018.



LIV. IV. II. 73

Ostra-portuguesa apanhada por António Grácio Tomaz na zona ribeirinha norte a montante da Ponte Vasco da Gama, em 24.11.2019. Nesta zona do estuário, pouco profunda, a ostra é abundante, existem vários bancos com sedimento rochoso e/ou móvel, e como esta ostra é tida como boa para consumo, alguns marítimos apanham para seu consumo. Quando se abre, a concha é branca e a ostra é esverdeada, sendo de notar que a cor varia de acordo com a saúde da ostra. Os pescadores acreditam que no futuro poderá voltar a ser rentável.



LIV. IV. II. 74

Ostra-portuguesa aberta, de cor esverdeada, apanhada na zona ribeirinha norte a montante da ponte vasco da gama por António Grácio Tomaz, em 24.11.2019.



**LIV. IV. II. 75**

Camarão-branco-legítimo, localmente conhecido como “camarão do rio”, capturado com nassas por António Grácio Tomaz, no rio Tejo em frente a Alhandra e daí para montante. Alhandra, em 11.10.2019.



**LIV. IV. II. 76**

Camarão-branco-legítimo, com mais de 6 cm, corpo alongado de cor amarela pálida e estrias escuras. Capturado com nassas por António Grácio Tomaz, no rio Tejo em frente a Alhandra e daí para montante. Alhandra, em 11.10.2019.



**LIV. IV. II. 77**

Camarão-branco-legítimo, vista superior. Capturado com nassas por António Grácio Tomaz, no rio Tejo em frente a Alhandra e daí para montante. Alhandra, em 11.10.2019.



**LIV. IV. II. 78**

Camarão-branco-legítimo, vista lateral. Capturado com nassas por António Grácio Tomaz, no rio Tejo em frente a Alhandra e daí para montante. Alhandra, em 11.10.2019.



**LIV. IV. II. 79**

Camarão-branco-legítimo cozido, preparado por António Grácio Tomaz. Produto do rio Tejo. Alhandra, na sua casa, em 11.10.2019.



**LIV. IV. II. 80**

António Grácio Tomaz, a brindar à vida e às pescas, com o investigador Marco Pais Neves dos Santos, oferecendo um prato de camarão-branco-legítimo, conhecido localmente como “camarão do rio”, que capturou com nassas no mesmo dia no rio Tejo junto a Vila Franca de Xira. Alhandra, na sua casa, em 11.10.2019.



**LIV. IV. II. 81**

Robalo-legítimo, com cerca de seis quilos, conservado em caixa de esferovite com gelo para se manter fresco até ser transportado à lota, prática comum dos arrais que não dispõem de transporte próprio, e que muitas vezes juntam o peixe de duas marés para levar à lota. Esta espécie é residente no estuário. Os marítimos referem que a capturam ovada durante todo o ano, mas salientam que entra mais na época da desova. Os robalos sobem o rio à procura do comer, incluindo a tainha-fataça. O arrais António Grácio Tomaz indicou que já capturou um robalo com uma tainha de 600 gr. na barriga. É uma das principais espécies de peixe que os marítimos de Alhandra apanham para sobreviver, juntamente com a corvina e o linguado.

Espécime capturado por António Grácio Tomaz, com rede especial de um pano, fundeada, no rio Tejo em frente a Alhandra, em 24.11.2019.



**LIV. IV. II. 82**

Linguado-legítimo capturado com redes de tresmalho por Constantino Alberto Oliveira Padinha, nascido em 1937, proprietário, armador e arrais da embarcação “Vem Comigo”, registo n.º VX-689-L, que anda à pesca com a sua mulher, Emília Tocha Mendes (pescadora).

Assume-se como linguado-legítimo por não ter a membrana interradianal escura nem os raios cinzentos amarelados na barbatana peitoral da face oculada, como acontece com o linguado-branco, outra espécie de linguado que existe no estuário do rio Tejo. Está entre as principais espécies capturadas nesta comunidade, ainda que a abundância tenha vindo a reduzir.

Alhandra, em 30.08.2018.



**LIV. IV. II. 83**

Linguado-legítimo capturado por António Grácio Tomaz, com rede especial de um pano, fundeada, no rio Tejo em frente a Alhandra, em 24.11.2019. Assume-se como linguado-legítimo por ter uma mancha escura na extremidade superior da barbatana peitoral.



**LIV. IV. II. 84**

Linguado-legítimo capturado com redes de tresmalho por Constantino Alberto Oliveira Padinha (arrais) e por Emília Tocha Mendes (pescadora). Alhandra, em 30.08.2018. Assume-se como linguado-legítimo por não ter a membrana interradianal escura nem os raios cinzentos amarelados na barbatana peitoral da face oculada, como acontece com o linguado-branco, outra espécie de linguado que existe no estuário do rio Tejo. Está entre as principais espécies capturadas nesta comunidade, ainda que a abundância tenha vindo a reduzir.



**LIV. IV. II. 85**

Vários exemplares de robalo-legítimo e de robalo-baila capturados com rede de emalhar de um pano na parte de cima da Ponte Vasco da Gama pelo arrais João Guerra Tavares. Barco “Fátima e Marta” (VX-770-L). Alhandra, 9.06.2018



**LIV. IV. II. 86**

Robalos *D. labrax*, em caixa própria de transporte para a lota, capturados a montante da Ponte Vasco da Gama. Alhandra, 24.02.2017.



LIV. IV. II. 87

Sargo-legítimo-do-Mediterrâneo  
capturado com rede de emalhar  
de um pano no rio Tejo em  
frente a Alhandra por António  
Grácio Tomaz, em 11.10.2019. É  
uma espécie acessória quando  
dirige a pesca ao robalo.



**LIV. IV. II. 88**

Corvina-legítima, vista frontal e lateral.

Espécime capturado a montante da Ponte Vasco da Gama com rede de um pano classe de malhagem superior a 120 mm, conhecida como rede corvineira, por Vítor Manuel Guerra Tavares (alcunha vitinho), proprietário e armador da embarcação “Catarina”, registo n.º VX-729-L, que exerce a bordo as funções de arrais, e está habilitado com a categoria de arrais de pesca. É uma das principais espécies capturadas nesta comunidade, pela abundância e pelo valor económico.

Alhandra, em 19.12.2018.



**LIV. IV. II. 89**

Tiago Padinha, pescador, membro da tripulação da embarcação “Bruno e Tiago”, registo n.º VX-780-L, de que José Carlos Mendes Padinha, seu pai, é proprietário e armador, e exerce a bordo as funções de arrais, a segurar duas douradas capturadas com rede de emalhar de um pano no estuário do rio Tejo, em frente de Lisboa, em 8.05.2020.



**LIV. IV. II. 90**

Camarão-tigre-gigante capturado por José Carlos Mendes Padinha, no estuário do rio Tejo, em 02.05.2019. É uma espécie que aparece raramente.



LIV. IV. II. 91

Miguel Ângelo, sobrinho do arrais João Guerra Tavares, a segurar um camarão-japonês capturado na cala da Desemboga, em 12.07.2017.



LIV. IV. II. 92

Camarão-japonês, com cerca de 15 cm, capturado por João Guerra Tavares, arrais de pesca, na cala da Desemboga, em 7.01.2019.



LIV. IV. II. 93

Tiago Padinha, pescador, a segurar dois exemplares de corvina-legítima capturados com rede de emalhar de um pano, malha superior a 120 mm, no estuário do rio Tejo, em 19.05.2020.



**LIV. IV. II. 94**

Corvina-legítima capturada com rede de emalhar de um pano, malha superior a 120 mm, na Cala de Samora pela tripulação da embarcação “Bruno e Tiago”, registo n.º VX-780-L. Alhandra, 15.03.2019.



**LIV. IV. II. 95**

José Carlos Mendes Padinha, que também tem licença de mariscador, com o berbigoeiro a apanhar amêijoa-japonesa (*R. philippinarum*), no estuário do rio Tejo, em 18.08.2013.



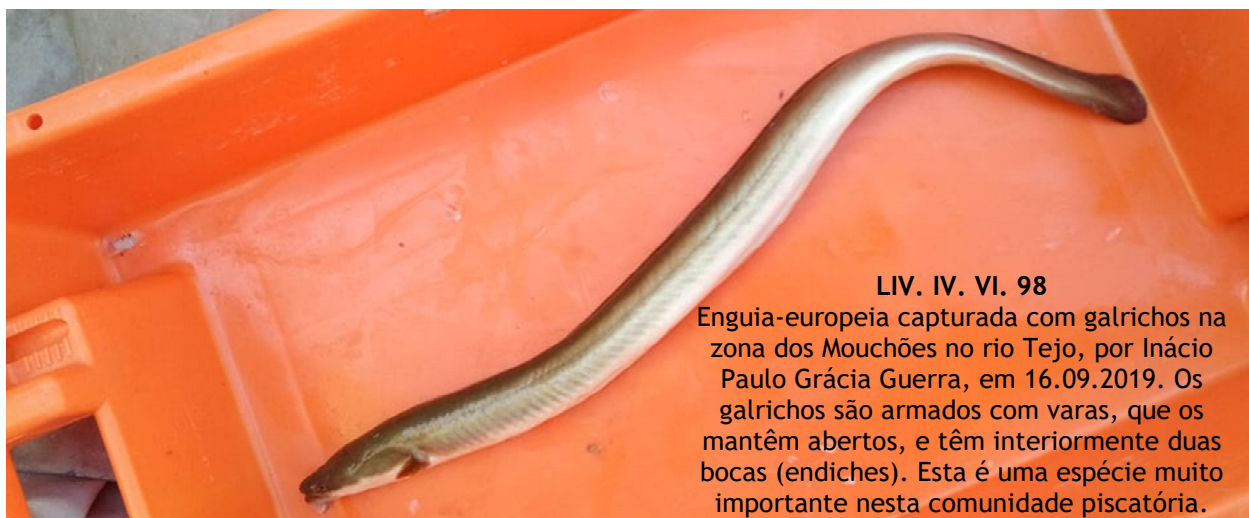
**LIV. IV. II. 96**

Amêijoa-japonesa capturada com o berbigoeiro no estuário do rio Tejo, a montante da Ponte Vasco da Gama, em 18.08.2013.



**LIV. IV. II. 97**

Tiago Padinha, a segurar um cangulo-cinzento, localmente conhecido como “peixe-porco” ou “pampo”, capturado no estuário do rio Tejo a montante da Ponte Vasco da Gama, em frente a Alcochete, com rede de emalhar de um pano de malha grande, direcionada à corvina, em 4.05.2018.



**LIV. IV. VI. 98**

Enguia-europeia capturada com galrichos na zona dos Mouchões no rio Tejo, por Inácio Paulo Grácia Guerra, em 16.09.2019. Os galrichos são armados com varas, que os mantêm abertos, e têm interiormente duas bocas (endiches). Esta é uma espécie muito importante nesta comunidade piscatória.



**LIV. IV. II. 99**

Sardinha, com cerca de 20 cm, capturada com rede de emalhar de um pano junto à Ponte Vasco da Gama, em 22/03/2020, por José por Carlos Mendes Padinha, e por Tiago Padinha, seu filho. Até à década de 1960 havia cardumes de sardinha no estuário do rio Tejo, que alimentava a indústria conserveira que aí se tinha instalado, mas hoje esta espécie aparece de forma residual.



**LIV. IV. II. 100**

Luís Filipe Fernandes de Jesus, filho de Fernando de Jesus Moreira, proprietário e armador da embarcação “Tigre”, registo n.º VX-769-L, onde exerce a bordo as funções de arrais (está habilitado com a categoria de arrais de pesca), a segurar um polvo-comum com cerca de sete quilos capturado com a arte piteira na parte de baixo da doca de pesca de Pedrouços. Fora do estuário, nas águas marítimas adjacentes, abunda o polvo-cabeçudo, que até à primeira década deste século era capturado ao arrasto pelas embarcações costeiras, e era desembarcado no posto de vendagem da Trafaria. Rio Tejo, em 21.01.2019.



**LIV. IV. II. 101**

Redenho de Fernando de Jesus Moreira, proprietário, armador e arrais de pesca da embarcação “Tigre”, registo n.º VX-769-L, com o polvo-comum da maré capturado com piteira na foz do rio Tejo. Antigamente o redanho era utilizado para colocar as enguias e, com uma malha ainda mais pequena, o camarão-branco-legítimo, ou camarão do rio. O armador tem como porto de abrigo Alhandra, mas passa grande parte do ano na pesca do polvo na foz do rio Tejo. Trafaria, em 09.06.2020.



**LIV. IV. II. 102**

Marco Pais Neves dos Santos, dias depois de chegar à comunidade, a degustar a água-pé feita das uvas morangueiras da parreira que cobre o pátio entre as arrecadações de material de pesca, um produto do arrais António Grácio Tomaz, cujo depósito (ou pipo) está na sua arrecadação, também conhecida como “a taberna”. Alhandra, em 19.12.2018.



**LIV. IV. II. 103**

Marco Pais Neves dos Santos, na despedida, a agradecer ao arrais de pesca António Grácio Tomaz os “copos de água-pé” feitos de uva morangueira branca colhida da videira que aparece na fotografia, aproveitando para se servir uma última vez do magnífico “pipinho” que o mestre tem na sua arrecadação de material de pesca. Alhandra, em 7.01.2019.



**LIV. IV. II. 104**

Tartaruga-marinha-comum grande, que se enredou em rede corvineira (rede de um pano fundeada) de Zé Padinha, a montante da Ponte Vasco da Gama, em 4.05.2016. Foi entregue às autoridades locais, e devolvida ao meio natural.



**LIV. IV. II. 105**

António Grácio Tomaz, nascido em 1950, proprietário, armador e arrais de pesca da embarcação “Ana Maria”, registo n.º VX-702-L, a participar na procissão em Honra de São João Baptista, em Alhandra, às 21h28 de 26 de junho de 2016. O programa das festas em honra de São João Baptista desenvolveu-se de 17 a 19 de junho e de 23 a 26 de junho, e terminou com a atuação do Grupo Musical Flor de Chá pelas 23h00.

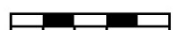
Póvoa de Santa Iria (Vila Franca de Xira)

## Póvoa de Santa iria

## Mapa de localização da comunidade piscatória



Escala: 1:400,000



Mosaico composto por imagens do sensor multiespectral Sentinel-2 adquiridas sobre o território de Portugal continental em maio de 2022, apresentado na cor verdadeira (RGB: vermelho, verde e azul), com as bandas B4, B3 e B2. Dados abertos da Direção-Geral do Território, 2022.

**LIV. IV. III. 1**

Vista aérea da zona ribeirinha da Póvoa de Santa Iria, onde está instalado o atual cais de pesca.  
19.12.2015.



**LIV. IV. III. 2**

Vista aérea da zona ribeirinha da Póvoa de Santa Iria, onde está instalado o atual cais de pesca e de recreio, que substituiu os anteriores cais palafíticos (individuais). 19.12.2015.



**LIV. IV. III. 3**

Vista aérea do troço do rio Tejo a jusante da comunidade piscatória da Póvoa de Santa Iria.  
19.12.2015.





**LIV. IV. III. 4**

Antigo bairro piscatório em construção palafita na Póvoa de Santa Iria, em 21 de maio de 2008.  
© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: R. Caetano.



**LIV. IV. I. 5**

Antigo bairro piscatório da Póvoa de Santa Iria, em 21.05.2008. As construções que se observam na primeira linha eram na maioria espaços de arrumos de artes e aprestos de pesca, chamados de anexos, e por trás havia duas ruas de casas dos pescadores.  
© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: R. Caetano.



**LIV. IV. III. 6**

Primeira rua (a contar do rio, ou seja, à esquerda eram os arrumos e as pontes/cais palafitas) do antigo bairro dos pescadores da Póvoa de Santa Iria, em 27 de setembro de 2005.  
© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: R. Caetano.



**LIV. IV. III. 7**

Segunda rua (a contar do rio) do antigo bairro piscatório da Póvoa de Santa Iria, em 27 de setembro de 2005. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: R. Caetano.



**LIV. IV. III. 8**

Zona de arrumos de artes e aprestos de pesca no antigo bairro piscatório da Póvoa de Santa Iria, em 27 de setembro de 2005.

© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: R. Caetano.



**LIV. IV. III. 9**

Zona de arrumos e aprestos de pesca no antigo bairro piscatório da Póvoa de Santa Iria, que dava ligação às pontes/cais palafitas, em 27 de setembro de 2005.

© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: R. Caetano.



**LIV. IV. III. 10**

Espaços de arrumos de artes e aprestos de pesca, conhecidos como anexos, no antigo bairro piscatório da Póvoa de Santa Iria, em 27 de setembro de 2005.

© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: R. Caetano.



**LIV. IV. III. 11**

Barco tipo saveiro, de casco em madeira, fundo chato, duas bicas, atado à vara de forma a que suba e desça conforme mudam as marés. Póvoa de Santa Iria, em 5 de abril de 2013. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: V. Cartaxo.



**LIV. IV. III. 12**

Pontes e cais palafíticos na Póvoa de Santa Iria, já bastante degradados, em 27.09.2005.

© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: R. Caetano.



**LIV. IV. III. 13**

Antigas pontes/cais palafíticos do antigo bairro Póvoa de Santa Iria, na maré baixa, em 5 de abril de 2013. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: V. Cartaxo.



**LIV. IV. III. 14**

Cais/ponte palafítica dos pescadores lúdicos do antigo bairro piscatório da Póvoa de Santa Iria, sendo visível ao fundo já demolida a parte dos profissionais e as obras já em curso, em 5 de abril de 2013. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: V. Cartaxo.



**LIV. IV. III. 15**

Espaço de arrumos de artes e aprestos de pesca no antigo bairro piscatório da Póvoa de Santa Iria, em 27 de setembro de 2005. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: R. Caetano.



**LIV. IV. III. 16**

Pontes/cais palafitas da Póvoa de Santa Iria, em 5 de abril de 2013. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: V. Cartaxo.



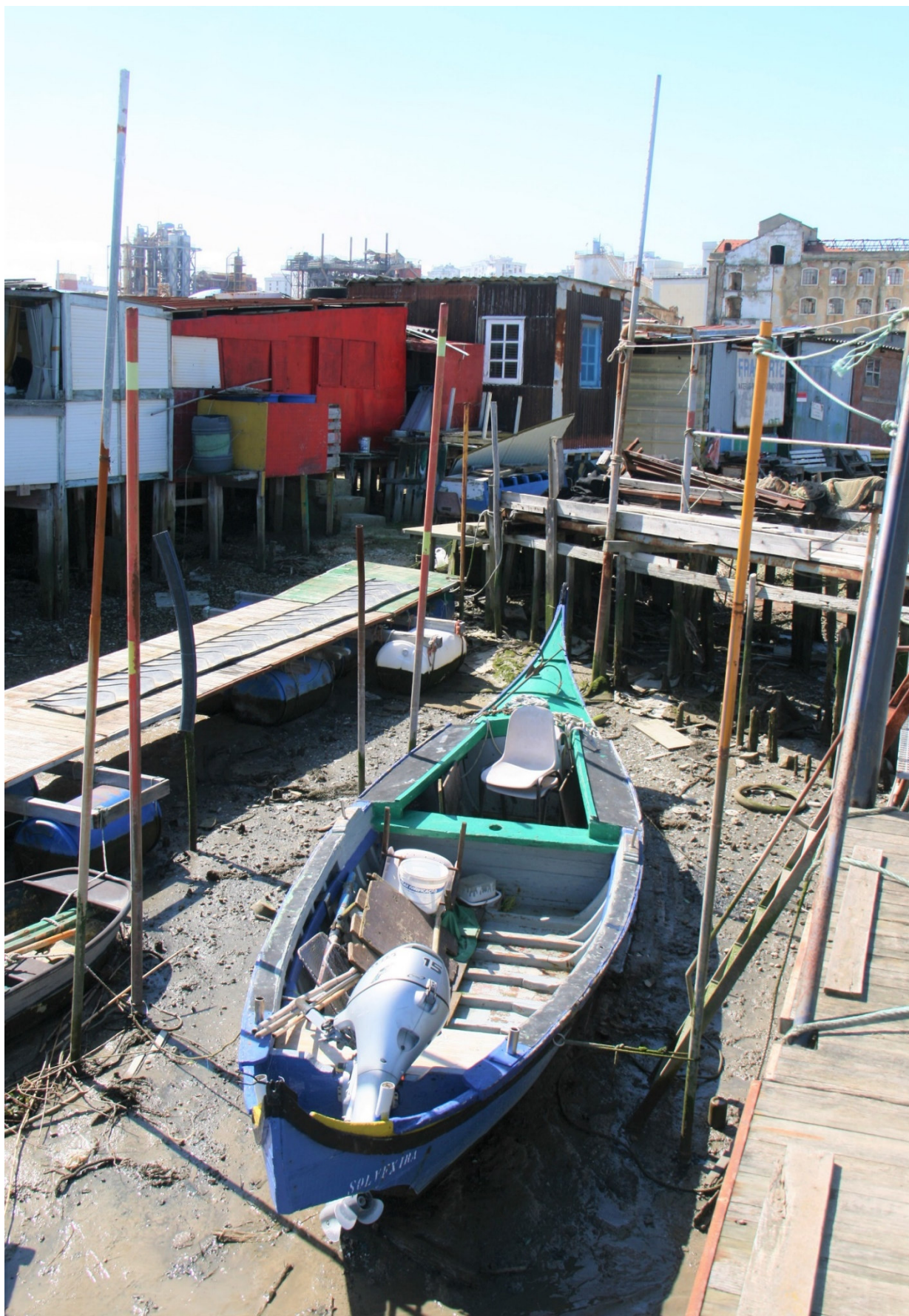
**LIV. IV. III. 17**

Construções abarracadas de habitação e arrumos de material de pesca, e cais palafíticos na zona ribeirinha, antes dos trabalhos de reabilitação da frente ribeirinha (concluídos em 2013), tenho ao fundo o núcleo urbano da Póvoa de Santa Iria.

Fonte: Jornal Público, 18 de junho de 2012.



LIV. IV. III. 18  
Construções palafitas na Póvoa de Santa Iria, em 5 de abril de 2013.  
© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: V. Cartaxo.



**LIV. IV. III. 19**

Barco recreativo, tipo saveiro, afeto à pesca lúdica. A cadeira servia para estarem sentados enquanto pescavam à cana. Póvoa de Santa Iria, em 5 de abril de 2013.  
© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: V. Cartaxo.



LIV. IV. III. 20

Construções palafitas na Póvoa de Santa Iria, em 5 de abril de 2013.

© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: V. Cartaxo.



**LIV. IV. III. 21**

Arrasto de vara na ponte/cais, de onde é colocado na embarcação. Arte direcionada à captura de camarão, também utilizada para capturar enguia, tremelga, solha, linguado e cação. Ao fundo observa-se a execução dos trabalhos da obra de regularização e de reperfilamento da margem ribeirinha da Póvoa de Santa Iria, em 05.04.2013.

© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: V. Cartaxo.



**LIV. IV. III. 22**

Barco tipo saveiro, com casco em madeira, fundo chato e duas bicas, modelo antigo com toldo para proteger da chuva, equipado com fogareiro para fazer o comer, na Póvoa de Santa Iria, em 07.05.2013. © Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: V. Cartaxo.



**LIV. IV. III. 23**

Cais palafítico e construções abarracadas dos pescadores lúdicos da Póvoa de Santa Iria, antes da requalificação da beira-rio da zona sul do Concelho de Vila Franca de Xira, em 30 de setembro de 2007.  
© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: V. Cartaxo.



**LIV. IV. III. 24**

Cais palafítico e construções abarracadas dos pescadores lúdicos da Póvoa de Santa Iria, antes da requalificação da beira-rio da zona sul do Concelho de Vila Franca de Xira, em setembro de 2007.  
© Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. Autor: V. Cartaxo.



**LIV. IV. III. 25**

Cais palafítico e construções abarracadas de pescadores lúdicos da Póvoa de Santa Iria, numa fase intermédia da requalificação da beira-rio da zona sul do Concelho de Vila Franca de Xira, em 6.04.2015. Esta foi a última parte a ser removida, a primeira, mais a montante, tinha sido a dos pescadores profissionais, obra que tinha sido concluída em 2013.



**LIV. IV. III. 26**

Réplica da “Casa Avieira”, inaugurada em 20 de julho de 2013, após trabalhos de reabilitação da frente ribeirinha, de forma a salvaguardar a identidade e culturas Avieira. Zona ribeirinha da Póvoa de Santa Iria, em 6.04.2015.



**LIV. IV. III. 27**

Construção nova em madeira para arrumos de material de pesca, em substituição das construções abarracadas e palafíticas (sequência do início para o final junto ao passeio ribeirinho). Na traseira desta nova construção são igualmente armazéns para a pesca lúdica, mas tem apenas metade do tamanho, o que faz todo o sentido e demonstra a razoabilidade do projeto que coloca a comunidade piscatória dentro do parque urbano. Póvoa de Santa Iria, em 6.04.2015.



**LIV. IV. III. 28**

Casas de aprestos construídas de novo para os pescadores, em substituição das antigas em construções abarracadas e palafíticas (sequência do fim para o início junto ao passeio ribeirinho). Póvoa de Santa Iria, em 6.04.2015.



**LIV. IV. III. 29**

Três cais novos construídos para os pescadores em substituição dos antigos cais palafíticos. Os dois primeiros cais estão afetos à pesca profissional, e o terceiro, que está mais distante, está afeto às embarcações de recreio que fazem pesca lúdica. Os pontões de acostagem têm lugares marcados. Póvoa de Santa Iria, em 6.12.2018.



**LIV. IV. III. 30**

Panorâmica das casas de aprestos, cais, pontões e barcos de pesca acostados. Estava vazante e o lodo encontrava-se visível. Nas marés vivas da baixa-mar os barcos já não têm água para sair a qualquer hora. Póvoa de Santa Iria, em 6.12.2018.



**LIV. IV. III. 31**

Cais de pesca profissional. Baixa-mar.

Na fileira interior os barcos de pesca já estão condicionados para sair por assoreamento.  
Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018.



**LIV. IV. III. 32**

Cais de embarcações de recreio para a pesca lúdica.

Baixa-mar. Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018.



**LIV. IV. III. 33**  
Cais e pontões de acostagem.  
Póvoa de Santa Iria, em 6.12.2018.



**LIV. IV. III. 34**  
Barcos acostados no pontão, nos espaços a que pertencem a cada um deles.  
Póvoa de Santa Iria, em 6.12.2018.



**LIV. IV. III. 35**

Cais de pesca profissional, na baixa-mar, quase sem água, o que impede a saída das embarcações. Apenas os barcos acostados do lado do canal têm a todo o momento água para sair, mas essa zona é a mais desabrigada, motivo pelo qual os mestres deixam as embarcações da parte de dentro do cais. Póvoa de Santa Iria, em 14.12.2018.



**LIV. IV. III. 36**

Cais de pesca profissional. Estão na primeira linha as embarcações “Mar Chão”, registo n.º TR-1687-L, e “Pérola Negra”, registo n.º VX-754-L. Póvoa de Santa Iria, em 14.12.2018.



**LIV. IV. III. 37**

Embarcação “Norte-sul”, registo n.º VX-723-L, de que António Fernando Lobo Pedrosa, nascido em 1968, é proprietário e armador, desempenhando a bordo as funções de arrais, estando habilitado com a categoria de arrais de pesca. Póvoa de Santa Iria, em 6.12.2018.



**LIV. IV. III. 38**

José Guerra Sequeira (alrunha Paciência), nascido em 1957, junto à embarcação “Sagitário” (VX-714-L), com 5,20 m de Cff e 0,99 tonelagem GT, de que é proprietário e armador, exercendo a bordo funções de arrais. Tem a categoria profissional de arrais de pesca. Póvoa de Santa Iria, em 6.12.2018.



**LIV. IV. III. 39**

José Henrique Simãozinho, nascido em 1949, proprietário e armador da embarcação “Leão das Ondas” (VX-716-L), onde exerce a bordo funções de arrais, e a mulher Maria José, pescadora, a escolherem o caranguejo capturado com a arte do arrasto de vara. Nesta comunidade piscatória, só este casal avieiro, juntamente com José Guerra Sequeira (alcunha Paciência), é que têm como pescaria principal o arrasto de vara dirigido ao caranguejo. Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018.



**LIV. IV. III. 40**

Saco de caranguejo-verde de José Henrique Simãozinho e da mulher Maria José. Quando o caranguejo muda a casca, fica branco e mole, e depois começa a enrijar outra vez. No verão a temperatura da água é maior e o caranguejo muda mais vezes de casca do que no inverno, sendo de realçar que no verão é a fêmea que mais muda a casca e no inverno os machos. Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018.



**LIV. IV. III. 41**

José Guerra Sequeira (alrunha Paciência), a retirar da água do estuário um saco de caranguejo-verde, vivo, capturado com arrasto de vara, para iscar o anzol. Póvoa de Santa Iria, em 6.12.2018



**LIV. IV. III. 42**

Caranguejo-verde utilizado por José Guerra Sequeira (alrunha Paciência), para a pesca à cana (utiliza cinco canas). Quando o caranguejo-verde está para mudar a casca fica com uma cor branca, perde a cor laranja, e é retirado da água e levado em caixas para iscar anzol. Póvoa de Santa Iria, em 6.12.2018.



**LIV. IV. III. 43**

Sacos com caranguejo-verde, vivo, dentro de água, onde permanecem até 15 dias, amarrados a uma vara de aço fixada ao pontão do cais de acostagem, propriedade de José Guerra Sequeira (alcunha Paciência). Póvoa de Santa Iria, em 6.12.2018.



**LIV. IV. III. 44**

Saco de caranguejo-verde. Pesca feita por José Guerra Sequeira (alcunha Paciência). Póvoa de Santa Iria, em 6.12.2018.

**LIV. IV. III. 45**

Estrutura média do caranguejo-verde que se apanha no estuário do Tejo.

Captura pelo arrais de pesca José Guerra Sequeira.

Póvoa de Santa Iria.

6.12.2018



**LIV. IV. III. 46**

Quando o caranguejo-verde está a mudar a casca fica carnudo, e é nessa altura que é bom para servir de isco na pesca. Quando mudam a casca ficam apenas com a cartilagem e com água. Os nutrientes acumulados são utilizados nas fases de libertação da casca velha e de consolidação da nova.

Póvoa de Santa Iria.

6.12.2018



**LIV. IV. III. 47**

Caranguejo-verde com a casca levantada. Chamam a estes caranguejos “duas cascas”, e quando mudam a casca fica em casca mole, mas dentro de água algumas horas ficam logo com a casca rija

Pescaria do arrais José Guerra Sequeira.

Póvoa de Santa Iria.

6.12.2018





**LIV. IV. III. 48**

José Henrique Simãozinho, a fazer a rede para um novo arrasto de vara. Póvoa de Santa Iria, em frente às arrecadações de material de pesca, em 21.12.2018.



**LIV. IV. III. 49**

Alfredo Luciano Fernandes, antigo proprietário, armador e arrais da embarcação “Meu Destino” (VX-699-L), a reparar (endireitar) as estruturas metálicas laterais (patins) do arrasto de vara, que eles designam de ferros (determinam a abertura da rede). Póvoa de Santa Iria, cais de pesca, em 6.12.2018.



**LIV. IV. III. 50**

Cláudio Diogo Silva Letra, nascido em 1987, proprietário, armador e arrais da embarcação “Proa à Terra”, registo n.º VX-781-L, que em 25/10/2018 substituiu uma outra embarcação com o mesmo nome e o conjunto de identificação VX-753-L. Está entre os mais novos armadores desta comunidade, é um dos mais promissores, e está habilitado com a categoria de arrais de pesca local. Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018.



**LIV. IV. III. 51**

Cláudio Diogo Silva Letra, a fazer a manutenção da cabine da embarcação. Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018.



LIV. IV. III. 52

Vante da embarcação “Proa à Terra”, registo n.º VX-753-L, aquando da sua demolição em 25/10/2018 para passagem das licenças de pesca para uma nova embarcação de fibra de vidro, que foi registada com o n.º VX-781-L e a mesma denominação, atrás já identificada, de que Cláudio Diogo Silva Letra é proprietário e armador. Póvoa de Santa Iria, em 6.12.2018.



LIV. IV. III. 53

Corte na estrutura da embarcação “Proa à Terra” (VX-753-L), para a sua demolição. Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018.



**LIV. IV. III. 54**

Cláudio Diogo Silva Letra a entralhar uma rede de emalhar de um pano para a pesca à corvina, uma das principais pescas desta comunidade piscatória. Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018.



**LIV. IV. III. 55**

António José Fernandes da Silva, nascido em 1962, proprietário, armador e arrais de pesca local da embarcação “Luar”, registo n.º VX-759-L, e a sua mulher, Ana Paula Silva, pescadora, a chegarem depois de largar o aparelho de anzol a montante da Ponte Vasco da Gama. Póvoa de Santa Iria, em 11.12.2018.



**LIV. IV. III. 56**

António José Fernandes da Silva, que utiliza predominantemente aparelho de anzol, a chegar da faina. Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018.



**LIV. IV. III. 57**

João Artur Murtinheira Lobo (alcunha João do Vau), nascido em 1947, arrais de pesca da embarcação “Trovoada”, registo n.º VX-690-L, de que Deolinda Maria da Cunha Lobo, sua mulher, é proprietária e armadora. Dedicar-se sobretudo à pesca do polvo com piteira na foz, que realiza com a sua mulher, também pescadora, ficando a embarcação grandes períodos na Doca de Alcântara. Póvoa de Santa Iria, em 12.12.2018.



LIV. IV. III. 58  
António José Tomás Fernandes (algunha totoloto), proprietário, armador e arrais da embarcação “Vamos com Deus” (VX-697-L). Opera com a sua mulher, e anda sempre acompanhado do cão. Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018.



LIV. IV. III. 59  
Embarcação “Meu Destino” (VX-699-L), durante muitos anos propriedade de Alfredo Luciano Fernandes, que para além de um grande mestre de pesca é também um grande artesão, tendo elaborado a totalidade das peças de artesanato que ornamentam a Casa Avieira. Hoje a embarcação pertence ao seu filho, Rui Paulo Lobo Fernandes, também arrais de pesca local, que não imprime a mesma dinâmica à atividade. Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018



LIV. IV. III. 60

António José Tomás Fernandes, a conversar com o seu fiel amigo, que sempre o acompanha no rio, acerca do trabalho que vai realizar (safar redes). Este mestre avieiro quando opera mais próximo da foz do rio Tejo pernoita na cabine na proa da embarcação. Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018.



LIV. IV. III. 61

António José Tomás Fernandes, a safar uma rede de emalhar de um pano. Póvoa de Santa Iria, em 11.12.2018.



**LIV. IV. III. 62**

António José Tomás Fernandes, a mostrar com orgulho a matrícula do seu barco numa boia para sinalizar as artes caladas. É também conhecido pela alcunha “Totoloto”, porque em tempos foi agraciado com um prémio do totoloto, mas que nunca deixou de pescar.  
Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018.



**LIV. IV. III. 63**

Alfredo Luciano Fernandes, 68 anos, conhecido por “calão”, antigo proprietário, armador e arrais da embarcação “Vamos com Deus” (VX-697-L), a encostar ao cais depois de um lance com o arrasto de vara em frente ao cais dos pescadores da Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018.



**LIV. IV. III. 64**

Alfredo Luciano Fernandes, a despír a roupa impermeável depois de ter concluído o lance com o arrasto de vara em frente ao cais dos pescadores da Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018.



LIV. IV. III. 65

Alfredo Luciano Fernandes a escamar uma tainha-liça, também conhecida como tainha negrão, para o jantar, parte da pescaria do lance de arrasto de vara em frente ao cais dos pescadores da Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018.



LIV. IV. III. 66

Tainha-liça, já escamada, em 7.12.2018.



LIV. IV. III. 67

Alfredo Luciano Fernandes a amanhar a tainha-liça para o jantar, em 7.12.2018.



LIV. IV. III. 68

Alfredo Luciano Fernandes a fazer uso de um martelo para amanhar a tainha-liça, porque a faca, só por si, não lhe cortava a espinha. Póvoa de Santa Iria, 7.12.2018.



**LIV. IV. III. 69**

Várias unidades de linguado-legítimo, pequenos, e um robalo-legítimo, pequeno, capturados por António José Tomás Fernandes no pequeno lance, com a arte do arrasto de vara em frente ao cais dos pescadores da Póvoa de Santa Iria, em 7. 12.2018.



**LIV. IV. III. 70**

Congro, que por ser juvenil é designado de safio, capturado por António José Tomás Fernandes, no pequeno lance com a arte do arrasto de vara em frente ao cais dos pescadores da Póvoa de Santa Iria, em 7. 12.2018. Foi devolvido ao rio com vida.



**LIV. IV. III. 71**

Marinha-comum, com 27 cm de comprimento, espécie que os pescadores designam de “Lincornia”, e que lhes serve de barómetro para medir a qualidade da água. Dizem que quando aparece é sinal de que a água tem boa qualidade. Este exemplar foi capturado, e logo libertado, por António José Tomás Fernandes, no lanço com a arte do arrasto de vara em frente ao cais dos pescadores da Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018.



**LIV. IV. III. 72**

António Manuel Fernandes Sequeira, nascido em 1962, proprietário, armador e tripulante da embarcação “Prôa ao Mar” (VX-766-L), que tem como arrais Manuel Cristino Sequeira, seu pai (detém a categoria de arrais de pesca). É também proprietário e armador da embarcação “Proa ao Vento” (VX-779-L), e da embarcação “Santa Teresinha” (B-786-L), sendo entre os jovens arrais desta comunidade piscatória, um dos mais empreendedores. Póvoa de Santa Iria, em 7.12.2018.



**LIV. IV. III. 73**

António Manuel Fernandes Sequeira, a instalar o alumínio na embarcação “Santa Teresinha” (B-786-L), preparando-a para a faina, juntamente com o seu camarada e o seu pai, que não aparece na fotografia. Póvoa de Santa Iria, em 14.12.2018.



**LIV. IV. III. 74**

Embarcação “Pescante”, registo n.º VX-732-L, de que Joaquim Augusto Fernandes da Silva, nascido em 1954, é proprietário e armador, e desempenha a bordo as funções de arrais. Este arrais tem de alcunha o nome do seu barco (“Pescante”), está habilitado com a categoria de arrais de pesca, e opera regularmente com a sua mulher, pescadora. Póvoa de Santa Iria, cais dos pescadores, em 7.12.2018.



**LIV. IV. III. 75**

Joaquim Augusto Fernandes da Silva, a preparar aparelho de anzol com amostras, sua principal pescaria (não opera com redes). Póvoa de Santa Iria, arrecadação de material de pesca, em 6.04.2015.



**LIV. IV. III. 76**

Embarcação “Pérola Negra” (VX-754-L), de que João Miguel Guerra Letra, nascido em 1981, é proprietário e armador, e desempenha a bordo as funções de arrais. Está habilitado com a categoria de arrais de pesca local. É também proprietário da embarcação “Pérola Branca” (VX-775-L), e integra a direção do Sindicato Livre dos Pescadores e Profissões Afins, que tem sede em Lisboa, presidido por Joaquim Gil Sousa Piló. Póvoa de Santa Iria, em 14.12.2018.



**LIV. IV. III. 77**

Embarcação “Pérola Branca” (VX-775-L), propriedade de que João Miguel Guerra Letra. Póvoa de Santa Iria, cais dos pescadores, em 14.12.2018.



**LIV. IV. III. 78**

Maria José Lobo Fernandes Lourenço Guerra, de 61 anos, e Manuel Joaquim Lourenço Guerra, de 69 anos, casal avieiro, ambos arrais de pesca, proprietários e armadores da embarcação “Mar Azul” (VX-752-L), a prepararem o aparelho de anzol com amostras na arrecadação junto ao cais de pesca profissional. Póvoa de Santa Iria, em 14.12.2018.



**LIV. IV. III. 79**

Maria José Lobo Fernandes Lourenço Guerra, de 61 anos, a contemplar o seu presépio ornamentado com um barco saveiro com o Menino Jesus, e várias árvores, artes de pesca (arrasto de vara) e espécies (safios, etc.), na arrecadação junto ao cais de pesca profissional. Póvoa de Santa Iria, em 14.12.2018.



**LIV. IV. III. 80**

Interior da arrecadação de material de pesca de Maria José Lobo Fernandes Lourenço Guerra e de Manuel Joaquim Lourenço Guerra, junto ao cais de pesca profissional da Póvoa de Santa Iria, onde é possível ver as piteiras da pesca do polvo, em 14.12.2018.



**LIV. IV. III. 81**

Embarcação “Mar Chão”, registo n.º TR-1687-L, que opera no rio Tejo. Póvoa de Santa Iria, 14.12.2018.



LIV. IV. III. 82

António Manuel Fernandes Sequeira, a fazer a manutenção dos motores da embarcação “Proa ao Mar” (VX-766-L). Póvoa de Santa Iria, em 14.12.2018.



LIV. IV. III. 83

António Manuel Fernandes Sequeira, proprietário e armador das embarcações “Proa ao Mar” (VX-766-L), Prôa ao Vento” (VX-779-L) e “Santa Teresinha” (B-786-L), em processo de arrumação dos aparelhos de anzol no espaço de arrumos de material de pesca. Póvoa de Santa Iria, em 14.12.2018.



**LIV. IV. III. 84**

Caís com várias embarcações de pesca profissional, estando em primeiro plano as embarcação “Chupa-chups” (VX-776-L), de que Hugo Miguel Letra da Cruz, nascido em 1984, é proprietário e armador, e desempenha a bordo as funções de arrais, e a embarcação “Petinga II” (LX-373-L), de que José Artur Murtinheira Lobo, nascido em 1968, é proprietário e armador, e desempenha a bordo as funções de arrais (tem a categoria de arrais de pesca local). Póvoa de Santa Iria, em 6.12.2018.



**LIV. IV. III. 85**

José Artur Murtinheira Lobo, a bordo da embarcação “Petinga II” (LX-373-L), com o camarada Zé Pedro, a prepararem-se para a faina. Póvoa de Santa Iria, em 17.12.2018.



**LIV. IV. III. 86**

Embarcação “Vegeta” (LX-373-L), de que Victor Manuel Pedrosa dos Santos (alcunha Victor Relhi) é proprietário e armador, e exerce a bordo as funções de arrais. Póvoa de Santa Iria, em 14.12.2018.



**LIV. IV. III. 87**

Embarcação “Prôa ao Vento” (VX-779-L), propriedade de António Manuel Fernandes Sequeira, em seco nas instalações da ACAPSI. Póvoa de Santa Iria, 7.12.2018.



LIV. IV. III. 88

Bairro dos Pescadores. Aspeto das traseiras de um dos lotes. Póvoa de Santa Iria, em 11.12.2018



LIV. IV. III. 89

Victor Manuel Pedrosa dos Santos, alcunha Victor Relhi, a beber uma cerveja com o investigador Marco Pais Neves dos Santos no seu restaurante o Cantinho do Avieiro, na Póvoa de Santa Iria, em 16.12.2018.



**LIV. IV. III. 90**

Gatos que são acolhidos pela comunidade piscatória, que lhes dão comer, e têm como missão caçar os ratos. Póvoa de Santa Iria, junto às casas de arrumos de material de pesca, em 7.12.2018.



**LIV. IV. III. 91**

Os gatos desta comunidade são muito meiguinhos, mas não gostam de ser interrompidos a almoçar. Póvoa de Santa Iria, junto às casas de arrumos de material de pesca, em 7.12.2018.

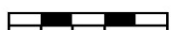
Porto Alto (Benavente)

## Porto Alto

## Mapa de localização da comunidade piscatória



Escala: 1:400,000



Mosaico composto por imagens do sensor multiespectral Sentinel-2 adquiridas sobre o território de Portugal continental em maio de 2022, apresentado na cor verdadeira (RGB: vermelho, verde e azul), com as bandas B4, B3 e B2. Dados abertos da Direção-Geral do Território, 2022.



**LIV. IV. IV. 1**

Vista aérea do rio Sorraia a receber o rio Almansor, também conhecido como Ribeira de Santo Estêvão ou Ribeira de Canha, da Estrada Nacional n.º 10, na ligação Vila Franca de Xira/Porto Alto, e da ponte sobre o rio Sorraia, zona fluvial onde fundeiam as embarcações de pesca local do Porto Alto, em 26.10.2014.



**LIV. IV. IV. 2**

Vista aérea de Porto Alto e do rio Sorraia que circunda o povoado na zona onde fundeiam as embarcações de pesca local, em 26.10.2014.



**LIV. IV. IV. 3**

Vista aérea do aglomerado urbano de Porto Alto, da ponte sobre o rio Sorraia e zona onde fundeiam as embarcações de pesca local, em 26.10.2014.

Fonte das fotografias:  
<http://portugal.fotografiaaerea.blogspot.com/2014/10/porto-alto.html>  
(26.10.2014).



**LIV. IV. IV. 4**

Zona ribeirinha. Rio Sorraia para jusante da Ponte Marechal Carmona. Em primeiro plano, um cais privativo a partir do quintal de uma vivenda para embarcação de recreio, e ao fundo vários cais privativos para embarcações de recreio e de pesca profissional a iniciarem no domínio público marítimo. Porto Alto, Benavente, em 4.11.2018.



**LIV. IV. IV. 5**

Zona ribeirinha. Rio Sorraia para montante da Ponte Marechal Carmona, vendo-se ao fundo a confluência com o Rio Almansor. Em toda esta orla ribeirinha os cais são privativos, geralmente para embarcações de recreio, que se dedicam à pesca lúdica, e iniciam nos quintais das vivendas. Porto Alto, Benavente, em 4.11.2018.



**LIV. IV. IV. 6**

Zona ribeirinha do rio Sorraia. Cais privados para embarcações de recreio que iniciam nos quintais das vivendas a jusante da Ponte Marechal Carmona. Porto Alto, Benavente, em 4.11.2018.



**LIV. IV. IV. 7**

Margem do rio Sorraia, sendo visíveis os cais privados das embarcações de recreio, que iniciam nos quintais das vivendas, bem como os muitos jacintos sobre o espelho de água. Porto Alto, em 4.11.2018.





**LIV. IV. IV. 10**

Zona ribeirinha do rio Sorraia. Armazém de arrumos de artes e aprestos de pesca de embarcação profissional, tendo por baixo garrações de água mineral cheios de óleo usado, localmente conhecido como “óleo queimado”. Porto Alto, Benavente, em 4.11.2018.



**LIV. IV. IV. 11**

Zona ribeirinha do rio Sorraia. Rampa construída pelos proprietários das embarcações de recreio e de pesca, sem ajuda das instituições públicas. Porto Alto, Benavente, em 4.11.2018.



LIV. IV. IV. 12

Zona ribeirinha do rio Sorraia. Cais privativo para duas embarcações de recreio que inicia no domínio público marítimo. Nesta zona mais protegida da corrente o espelho de água está completamente coberto com um manto de jacintos da água. Porto Alto, Benavente, em 4.11.2018.



LIV. IV. IV. 13

Zona ribeirinha do rio Sorraia. Cais privativo que inicia no domínio público marítimo, construído com bidons de plástico, madeira e ferro, serve a uma embarcação de recreio. O canal protege a margem do rio. Porto Alto, Benavente, em 4.11.2018.



LIV. IV. IV. 14

Luís Miguel Monteiro Velez, nascido em 1971, proprietário, armador e arrais de pesca da embarcação “Sereia”, registo n.º VX-758-L, a reparar uma peça na embarcação que está acostada ao cais que o próprio construiu da borda do rio Soraia, por baixo da ponte, onde tem o seu armazém de artes e aprestos de pesca, também junto à sua residência. Porto Alto, em 4.11.2018.



LIV. IV. IV. 15

Cais privado de Luís Miguel Monteiro Velez, com saída para o armazém de arrumos de artes e aprestos de pesca, junto à sua residência. Observa-se muita vegetação transportada pela água junto ao motor e ao cais, especialmente jacintos de água (*Eichhornia crassipes*). Porto Alto, Benavente, em 4.11.2018.



**LIV. IV. IV. 16**

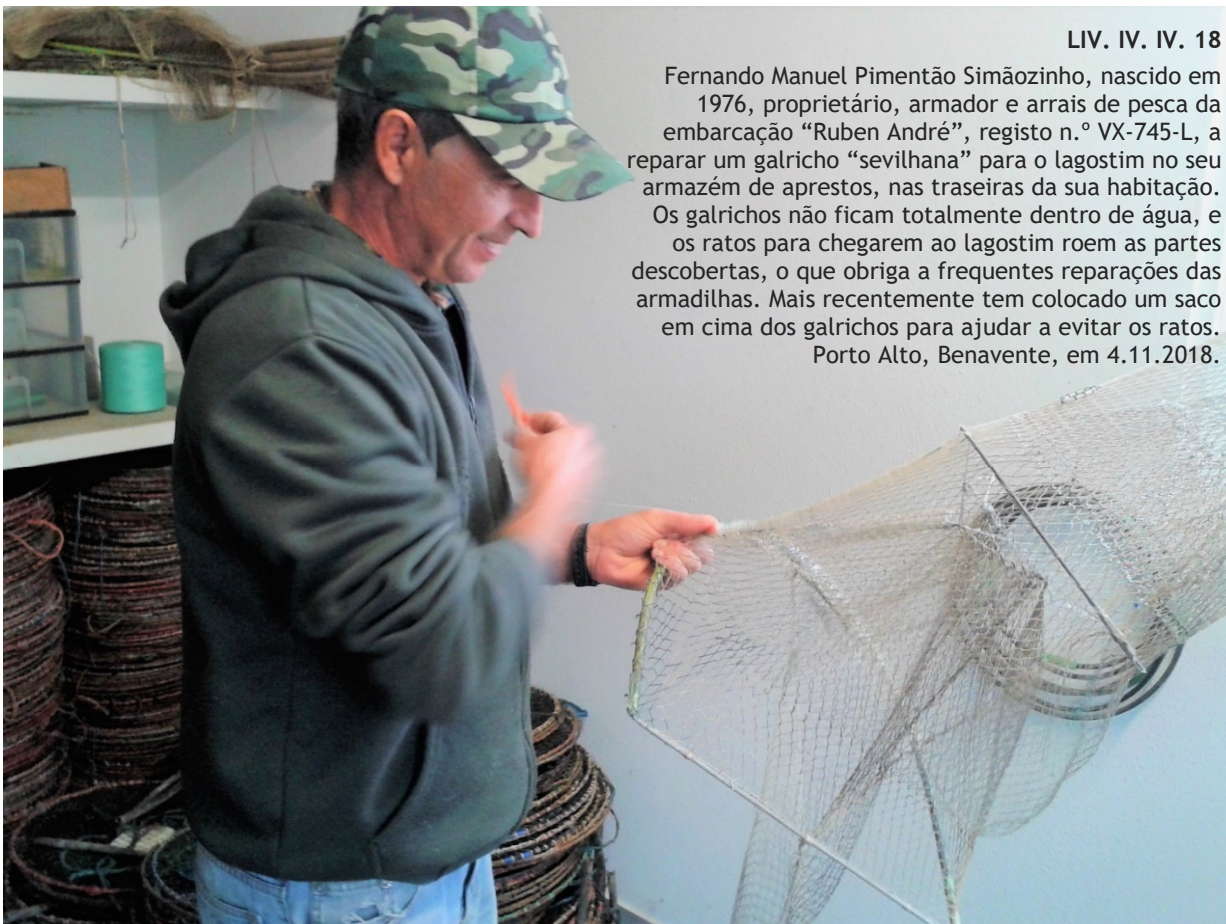
Joaquim Francisco Moreira Tomaz, nascido em 1955, proprietário, armador e arrais de pesca da embarcação “Acabô”, registo n.º VX-739-L, a reparar rede de emalhar de um pano muito danificada por uma embarcação que andava ao arrasto, à ameijoas com ganchorra.

Porto Alto, Benavente, em 10.12.2018.



**LIV. IV. IV. 17**

Embarcação “Ruben André”, registo n.º VX-745-L, de que Fernando Manuel Pimentão Simãozinho, nascido em 1976, é o proprietário, armador e arrais de pesca. Porto Alto, Benavente, em 4.11.2018.



LIV. IV. IV. 18

Fernando Manuel Pimentão Simãozinho, nascido em 1976, proprietário, armador e arrais de pesca da embarcação “Ruben André”, registo n.º VX-745-L, a reparar um galricho “sevilhana” para o lagostim no seu armazém de aprestos, nas traseiras da sua habitação. Os galrichos não ficam totalmente dentro de água, e os ratos para chegarem ao lagostim roem as partes descobertas, o que obriga a frequentes reparações das armadilhas. Mais recentemente tem colocado um saco em cima dos galrichos para ajudar a evitar os ratos. Porto Alto, Benavente, em 4.11.2018.



LIV. IV. IV. 19

Fernando Manuel Pimentão Simãozinho, nascido em 1976, proprietário, armador e arrais de pesca da embarcação “Ruben André”, registo n.º VX-745-L, a reparar um covo para o lagostim no seu armazém de aprestos. Também tem licença para a pesca em água doce - NIPP 0693. Porto Alto, Benavente, em 4.11.2018.

**LIV. IV. IV. 20**

Galricho “sevilhana” para o lagostim, utilizado nas valas e arrozais de água doce da Lezíria do Tejo.

Armazém de aprestos de Fernando Manuel Pimentão Simãozinho.

Também tem licença para a pesca em água doce - NIPP 0693

Porto Alto, Benavente, em 4.11.2018



**LIV. IV. IV. 21**

Covos utilizados (com isco) nos arrozais da Lezíria do Tejo para o lagostim.

Armazém de aprestos de Fernando Manuel Pimentão Simãozinho.

Também tem licença para a pesca em água doce - NIPP 0693

Porto Alto, Benavente, em 4.11.2018



**LIV. IV. IV. 22**

Galricho para a pesca de enguias.

Armazém de aprestos de Fernando Manuel Pimentão Simãozinho.

Também tem licença para a pesca em água doce - NIPP 0693

Porto Alto, Benavente, em 4.11.2018



## LIV. IV. IV. 23

Caranguejo-chinês, tido como praga pelos pescadores, por lhes cortar as redes. Espécie catádroma que suporta intensas variações de salinidade: habita na água doce e migra para a água salobra para se reproduzir (morrendo de seguida). Aqui eclodem os ovos, nascem e desenvolvem-se as larvas. Na fase juvenil retornam à água doce do Tejo a montante.

Aparece no estuário no Inverno, quando chove mais, em especial nos meses de dezembro e janeiro, especialmente na foz do rio Sorraia e na Ponta de Erva, de tal forma que se pesca com qualquer arte: arrasto de vara, tresmalhos, etc.

Os pescadores dizem que é muito bom de comer, que tem mercado (os asiáticos), e chamam a esta espécie “sapateira espanhola” (ou sapateira do rio).

Pescaria de Joaquim Francisco Moreira Tomaz, proprietário, armador e arrais de pesca da embarcação “Acabô”, registo n.º VX-739-L.

Porto Alto, em 10.12.2018





**LIV. IV. IV. 24**

Dois exemplares pequenos de corvina-legítima, também conhecida como “rabeta”, e uma corvinata-real, também conhecida como “peixe rainha”, conservadas em fresco em caixa de esferovite para posterior envio à lota. Pescarias de Miguel Monteiro Velez, com rede de emalhar de um pano, a montante da Ponte Vasco da Gama. Porto Alto, Benavente, em 4.11.2018.



**LIV. IV. IV. 25**

Vários exemplares de robalo-baila, e uma enguia-europeia, pescarias de Joaquim Francisco Moreira Tomaz, com redes de emalhar de um pano, a montante da Ponte Vasco da Gama. Porto Alto, Benavente, em 16.09.2019.

*(página intencionalmente deixada em branco)*

